Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura – SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPEG
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS
Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão – CAWSL

INTERDISCURSO E FEMINISMO NEGRO: RETRATOS DE EXPERIÊNCIAS LEITORAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

RAQUEL OLIVEIRA DE ARAÚJO

Assu-RN
2023

RAQUEL OLIVEIRA DE ARAÚJO

INTERDISCURSO E FEMINISMO NEGRO: RETRATOS DE EXPERIÊNCIAS LEITORAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), polo Assu/RN, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Orientadora: Professora Doutora Francisca Maria de Souza Ramos Lopes

Assu-RN

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

A663 Araújo, Raquel Oliveira de
INTERDISCURSO E FEMINISMO NEGRO: RETRATOS DE EXPERIÊNCIAS LEITORAS NO ENSINO FUNDAMENTAL. / Raquel Oliveira de Araújo. - Assu, 2023.
94p.

Orientador(a): Profa. Dra. Francisca Maria de Souza Ramos Lopes.
Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Mestrado Profissional em Letras. I. Ramos Lopes, Francisca Maria de Souza. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título

RAQUEL OLIVEIRA DE ARAÚJO

O projeto de dissertação **INTERDISCURSO E FEMINISMO NEGRO: RETRATOS DE EXPERIÊNCIAS LEITORAS NO ENSINO FUNDAMENTAL** foi apresentado em ____/____/2023, pela mestranda Raquel Oliveira de Araújo e aprovado pela seguinte Banca Examinadora:

_____
Professora Dra. Francisca Maria de Souza Ramos Lopes (UERN)
Orientadora

_____
Professora Dra. Ady Canário de Souza Estevão - Examinadora interna
UFERSA, UERN/Profletras

_____
Professora Dra. Ana Gabriella Ferreira da Silva Nóbrega (SEEC, RN) - Examinadora externa

Assu-RN

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, pela viabilização da vida, sobretudo dos estudos, e pelo amor incondicional. Aos meus poucos e bons amigos, pelas piadas até nos piores momentos. Aos meus colegas da missão PROFLETRAS. À minha orientadora linda, Professora Dra. Francisca Ramos-Lopes, pela paciência, empenho e exemplo de resiliência que demonstrou durante esta jornada.

AGRADECIMENTOS

“Fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho.”

Este trabalho é fruto dos mais diversos amores. Primeiramente sou uma filha amada e amante dos meus pais, os quais sempre se esforçaram em meio a muitas dificuldades para que eu pudesse voar. Eles sempre disseram que eu poderia estar exatamente onde eu quisesse, e é isto que move a minha vida.

O amor também chega a mim através das minhas amizades, construídas nos mais diversos contextos, que me fortalecem e inspiram para que eu consiga apresentar a minha melhor versão. Aqui agradeço especialmente aos colegas da missão PROFLETRAS, pelos perrengues e pelas risadas trocadas, sempre com o intuito de ajudarmos uns aos outros.

Não posso deixar de citar o amor pela educação, que me move desde os primeiros momentos em que decidi ser professora, ainda menina. O amor pela educação resulta no amor pelos meus alunos e faz com que eu receba muito afeto de cada um que me chama de “tia”.

Ressalto também o amor que sinto pelas outras mulheres, que lutam junto comigo, para que possamos ter dias mais justos e tranquilos. É por nós!

Às professoras Ady Canário e Ivoneide e, posteriormente, Ana Gabriella também dedico meu amor e esta produção. Agradeço pelo acolhimento e pela valorosa contribuição no período de qualificação e pela disponibilidade em constituir a banca examinadora deste trabalho.

Por fim, agradeço ao amor que sinto pela mulher negra, mãe, professora e, acima de tudo, potente, chamada Francisca Maria Ramos Lopes, esta que, além de minha orientadora, foi a maior incentivadora para que este trabalho fosse concluído, bem como a professora mais inspiradora que encontrei em meus caminhos.

Com muito amor, meu muito obrigada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

RESUMO

A ação de trabalhar discussões sociais nas salas-de-aula, com o intuito de descolonizar a linguagem e os discursos, é uma responsabilidade de toda a organização escolar, e esse processo deve levar em consideração o respeito às diferenças. É sabido que as mulheres, sobretudo as negras, vivem em uma situação de vulnerabilidade social, no que diz respeito à igualdade de direitos, a valorização profissional, o acesso à educação e aos bens de consumo. Assim, mudar essa realidade é o principal foco do movimento feminista. Nesse sentido, o presente trabalho consiste em desenvolver práticas de compreensão leitora sobre a temática do feminismo negro com estudantes do 8º ano do ensino fundamental do Colégio Militar Tiradentes XXIII, situado na cidade de Coroatá-MA. A metodologia da pesquisa-ação (Thiollent, 2009) está baseada em uma intervenção, através do trabalho com oficinas de leitura, criadas em torno das discussões apresentadas na obra O feminismo é para todo mundo, de bell hooks (2018). Baseando-se nas teorias da Análise do Discurso de linha francesa e na relação discurso-leitura será possível entender a familiaridade com o assunto e o interesse dos estudantes nessa temática, bem como os efeitos de sentido provocados pela leitura da obra.

Palavras-chave: Feminismo negro. Práticas discursivas. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

The action of working social discussions in the classrooms, with the aim of decolonizing language and discourses, is a responsibility of the entire school organization, and this process must take into account the respect for differences. It is known that women, especially black women, live in a situation of social vulnerability, with regard to equal rights, professional development, access to education and consumer goods. Thus, changing this reality is the main focus of the feminist movement. In this sense, the present work consists of developing reading comprehension practices on the theme of black feminism with students of the 8th year of elementary school at Colégio Militar Tiradentes XXIII, located in the city of Coroatá-MA. The action-research methodology (THIOLLENT, 2009) is based on an intervention, through work with reading workshops, created around the reflections developed in the work Feminism is for everyone, by bell hooks (2018). Based on the French Discourse Analysis theories and on the discourse-reading relationship, it will be possible to understand the familiarity with the subject and the interest of the students in this theme, as well as the effects of meaning provoked by the reading of the work.

Keywords: Black feminism. Discursive practices. Reading. Writing.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....11

1.1 Problematização..... 13

1.2 Justificativa da pesquisa.....15

1.3 Objetivos.....16

1.3.1 Geral.....16

1.3.2 Específicos.....17

2. DISCURSO E LEITURA.....18

2.1 Análise do Discurso de linha francesa: reflexões introdutórias.....18

2.2 Discurso e Leitura.....19

2.3 Interdiscurso.....20

2.4 Leitura enquanto prática social.....21

3. SITUANDO O FEMINISMO: CONCEITOS E CONTEXTO.....23

3.1 Lutas feministas: contexto histórico 23

3.2 Feminismo Negro.....25

4. BELL HOOKS: PRESENTE!.....29

4.1 História e representatividade de bell hooks 29

4.2 O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.....30

5. METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO.....32

5.1 Abordagem da pesquisa.....32

5.2. Descrição do corpus da pesquisa.....33

5.3. Contexto da pesquisa.....34

5.3.1 Campo da pesquisa.....34

5.4. Sujeitos da pesquisa.....34

5.4.1 Professora-pesquisadora.....34

5.4.2 Alunos participantes da pesquisa.....37

5.5 Etapas da pesquisa.....37

6. DAS OFICINAS: BELL HOOKS PARA TODO MUNDO.....39

6.1 Descrevendo as oficinas.....39

6.1.1 Oficina I – Leitura e feminismo 39

6.1.2 Oficina II – Leitura e sororidade 42

6.1.3 Oficina III – Leitura e padrões de beleza 47

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....54

REFERÊNCIAS.....57

APÊNDICE 1 - CADERNO DE OFICINAS: COMPREENSÃO LEITORA E FEMINISMO: BELL HOOKS PARA TODO MUNDO.....60

I. INTRODUÇÃO

> Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.
>
> Angela Davis

Estar em uma sala-de-aula, enquanto professora de escola pública, faz com que eu reflita e seja grata às batalhas as quais minhas ancestrais e irmãs enfrm para que eu pudesse ter a possibilidade e o direito de estar onde estou. Assim, por toda gratidão e reconhecimento, creio que não há nada mais justo que viabilizar conhecimentos acerca do movimento feminista aos meus alunos.

Nesse contexto, à época em que fui estudante do ensino fundamental, há pouco mais de uma década, discussões sobre a temática feminista apareciam de forma tímida e, por essa razão, presenciei muitas situações de opressão às mulheres no contexto escolar. Por mais decepcionante que pareça, grande parte dessas opressões e assédios só foram enxergados por mim, quando comecei a ter contato com discursos feministas, em meados da minha graduação em Letras.

Somos vítimas de uma sociedade desigual, misógina, racista e machista, por mais que tenhamos avançado significativamente até o momento. Lembro-me que, em uma determinada aula, fui questionada por um dos meus alunos se haveria a possibilidade do Movimento Feminista um dia não mais existir, por termos, enfim, alcançado a igualdade de direitos, e a minha resposta foi de que possivelmente o movimento nunca terá fim, uma vez que, a todo momento, as mulheres são colocadas em situações de desvantagens e diminuições. Tal resposta foi e é dolorosa, porém tem me dado forças para ressignificar e socializar o que aprendi e aprendo todos os dias com as grandes mulheres que lutaram e lutam por mim e ao meu lado.

Assim, a minha prática enquanto professora faz total sentido, a partir do momento em que recordo que a minha graduação andou de mãos dadas com o meu conhecimento sobre o Movimento Feminista. Conheci, nesse caminho, inúmeras autoras, nacionais e internacionais, que me abriram olhos e portas, e uma delas é a saudosa bell hooks, escolhida para elencar as oficinais que integrarão a presente pesquisa, com o intuito de empoderar meninas e conscientizar meninos.

Escolher bell hooks revela um outro grande desejo que me envolve: o de trazer à tona os conceitos do feminismo que tem em sua base mulheres negras e todas as vertentes que as excluíram do chamado feminismo de massa, que retratou as primeiras manifestações feministas que ocorreram no mundo.

Nesse viés, o feminismo de massa foi marcado por uma luta elitista, composto por mulheres brancas de classe média, mesmo que as maiores vítimas de discriminações e opressões fossem as mulheres negras, que continuam sendo as partes mais atingidas pelas mazelas das pirâmides sociais do Brasil e do mundo. Assim, Kilomba (2019, p.12) define a mulher negra como o outro do outro:

> Por não serem nem brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca. Nós representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o "outro" do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o "outro" do outro.

Há, portanto, a invisibilidade da mulher negra enquanto sujeito, considerando que elas são inferiores a homens, brancos e negros, e mulheres brancas. Estes possuem, em dado momento, algum tipo de prestígio, ao passo em que mulheres negras seguem vivendo à margem da sociedade.

Ser mestranda do Profletras possibilitou que eu continuasse debatendo sobre o empoderamento feminino, desta vez, em forma de uma pesquisa realizada por meio de intervenções em salas de aula e através de oficinas baseadas nas temáticas trazidas por bell hooks em *O feminismo é para todo mundo,* com análises alicerçadas na Análise do Discurso de linha francesa.

Para tanto, é importante considerar a realidade da relação entre discurso e leitura, trazida por Orlandi (2008), a qual considera que o sujeito leitor tem suas especificidades e histórias. Desse modo, há que se considerar o contexto que envolve os estudantes que compuseram as análises desse trabalho, visto que ele influenciará diretamente no modo como eles se relacionaram com a temática feminista.

Assim, acreditando no papel transformador da apresentação dos conceitos feministas aos estudantes do ensino fundamental, o presente trabalho consiste em desenvolver práticas de compreensão leitora sobre a temática do feminismo com estudantes do 8º ano do ensino fundamental, a partir da obra *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

No primeiro capítulo, apresentar-se-á a problematização da pesquisa, a qual nos desperta interesse, questionamentos e empenho. Dando continuidade, serão apresentados no segundo, terceiro e quarto capítulos, as teorias que fundamentam a análise do discurso de linha francesa e a relação discurso-leitura, bem como o histórico do feminismo e da escritora bell hooks e sua obra *O feminismo é para todo mundo*.

Prosseguindo, no quinto capítulo será exposta a metodologia utilizada, pautada em uma abordagem intervencionista, o *corpus* escolhido para compor as análises, o *campus* no qual a pesquisa foi aplicada e os sujeitos envolvidos.

No sexto capítulo será apresentado o roteiro das oficinas aplicadas e as análises dos discursos proferidos pelos alunos em cada uma delas, para isso exporemos as descrições das falas e, em seguida, o que se pôde constatar a cada produção de sentido.

Dessa forma, por meio da apresentação dos preceitos do Movimento Feminista às turmas de ensino fundamental, estaremos oportunizando a reflexão aos meninos e meninas, no que diz respeito aos problemas que as mulheres enfrentam na sociedade, apenas por serem mulheres e fortalecendo a autoestima e o lugar de fala das alunas.

1.1 Problematização

Com o passar dos anos, os movimentos sociais têm ganhado força e visibilidade. Estamos constantemente convivendo e/ou atuando em prol de uma desconstrução do que nos foi ensinado em uma sociedade patriarcal, baseada em desigualdades sociais, de gênero, raça, entre outras.

Em decorrência desse processo de desconstrução, discussões envolvendo o feminismo estão sendo desenvolvidas em diferentes esferas, sejam elas em manifestações nas ruas ou, de forma bastante expressiva, através das redes sociais, reverberando vozes de mulheres de diferentes raças e faixas etárias. Em contrapartida, há uma boa parte da população que ainda não dialoga sobre esses aspectos e desconhece as pautas feministas e seus benefícios na

construção de uma sociedade onde não sejam admissíveis os inúmeros casos de violência contra a mulher e as desigualdades de gênero em diferentes cenários. Nessa parcela da população, por vezes, estão inclusos estudantes da Educação Básica do ensino público. Assim, a presente pesquisa parte dos questionamentos sobre o modo como os estudantes se relacionam com a temática do feminismo e a possibilidade de apresentar esta temática através de oficinas baseadas no livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

Nesse contexto, é sabido que o rendimento escolar caminha em torno de avaliações quantitativas, com metas e números a serem atingidos e, desse modo, muitas discussões sociais que não fazem parte do currículo escolar são colocadas em último plano. Não é incomum presenciar a falta de projetos que envolvam a comunidade em temas relevantes para a formação de uma sociedade mais igualitária.

Assim, levando em conta que a escola é um reflexo das ideologias dominantes de uma sociedade, um dos pontos mais observados é a disseminação de discursos machistas, pelos quais as mulheres são atingidas desde o nascimento. Para Santana (2012) a violência doméstica contra a mulher, o assédio moral e sexual e o feminicídio são exemplos históricos de problemas enfrentados ainda na contemporaneidade, que podem ser minimizados por intermédio da educação. Dessa forma, entende-se a extrema necessidade de trazer questões de gênero para as discussões em salas de aula.

Em vista disso, para entender tal necessidade, é importante ressaltar que mesmo considerando que já foram atingidos inúmeros avanços, a diferenciação entre homens e mulheres segue nítida na sociedade brasileira. Leone e Baltar (2008) reafirmam essa realidade, constatando que embora se perceba que já exista maior visibilidade social no que se refere à atuação da mulher em variados setores da sociedade, principalmente no mercado de trabalho, não a restringindo às atividades domésticas, como antigamente, existem diversos espaços sociais, culturais e profissionais em que não se ensejam igualdade de condições e persistem as diferenças de acesso, salário comportamentos, entre homens e mulheres.

Para Louro (1997) as formulações pedagógicas construídas na ótica feminista apoiam-se no reconhecimento das desigualdades vividas por meninas e mulheres em relação aos meninos e homens, no interior das instituições escolares. Sendo assim, a iniciativa de levar teorias feministas às escolas está totalmente respaldada e ancorada no princípio da liberdade e da igualdade.

Portanto, para que nossos alunos compreendam onde estamos e onde queremos chegar, no que diz respeito à igualdade de acessos, é necessário apresentar as lutas que foram travadas através do Movimento Feministas, as quais seguem vivas, mesmo que em outros moldes e com muitas vertentes. É nesse momento que esta pesquisa introduz a temática feminista em salas de aula de ensino fundamental, através de diferentes pautas, propostas por bell hooks em *O feminismo é para todo mundo*.

1.2 Justificando a pesquisa

Optar por trabalhar com questões de gênero, especificamente com o feminismo, surge em um cenário no qual questões sociais e raciais vêm sendo cada vez mais discutidas, através de diferentes meios de comunicação, impressos ou televisivos e, principalmente, no cotidiano das redes sociais.

Pode-se observar nas salas de aula da Educação Básica, que boa parte dos estudantes não apresenta um alto grau de interesse em se posicionar diante dessas questões e essa situação é bastante preocupante. Nesse sentido, a escola tem o dever de incentivar a autonomia e o senso crítico de seus discentes, e as práticas de leitura, envolvendo os aspectos ideológicos em meio a questões sociais, são parte desse processo. Portanto, é de suma importância que as organizações escolares articulem e encontrem maneiras de incluir os estudantes em discussões que os tornarão capazes de lidar com as adversidades enfrentadas pelas mulheres na conjuntura de um país plural, como o Brasil.

Assim, em uma circunstância de necessidade de inclusão de uma maior quantidade de jovens nos debates sobre o feminismo, o ensino de Língua Portuguesa age como uma importante ferramenta para a produção social, através das experiências leitoras geradas como resultado das reflexões acerca do pensamento feminista.

Nesse contexto, é importante ressaltar o motivo da escolha de bell hooks e sua obra *O feminismo é para todo mundo*, para a composição das oficinas de leitura aplicadas aos alunos do ensino fundamental. Tal escolha justifica-se pelo interesse em apresentar e debater o feminismo baseado na ótica das mulheres negras, as mais atingidas pelas mazelas da sociedade machista, racista e misógina na qual vivemos. Assim, devem-se considerar todas as discriminações que atingem as mulheres negras, para além da pobreza na qual grande parte delas se encontra. Conforme Gonzalez (1981) apud UCPA (2018) as mulheres brancas pobres são discriminadas, mas ainda levam “vantagem” por conta da “boa aparência”. Nesse viés,

considera-se crucial levantar questionamentos acerca do debate feminista que envolve classe e raça.

Além disso, há muitas questões que afetam diretamente a vida das mulheres negras na sociedade brasileira, a exemplo da gravidez na adolescência, do número expressivo em casos de feminicídio, do menor prestígio no mercado de trabalho, entre outras. Dados recentes do Sistema de Nascidos Vivos (Sinasc/DataSUS) revelam que, em 2020, 62,74% das gestações de mães adolescentes eram de jovens negras, o que nos leva a refletir sobre as orientações que essas jovens têm recebido, sobretudo no contexto escolar.

Quanto aos casos de feminicídio, dados do 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontam que duas em cada três vítimas de feminicídio em 2020 são mulheres negras, o que representa 61,8% das mortes. Nesse sentido, não há como desassociar o processo de empoderamento feminino e a sua capacidade de influenciar meninas e mulheres a evitarem relacionamentos abusivos e lutarem pela diminuição desses números.

Ainda a respeito dos entraves enfrentados pelas mulheres negras brasileiras, a pesquisa Potências (in)visíveis: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho, realizada em parceria entre a consultoria Indique uma Preta e a empresa de pesquisa Box1824 chegou ao alarmante resultado de que na cidade de São Paulo apenas 6,6 % dos cargos de chefia são ocupados por mulheres negras, mesmo que estas componham o maior grupo demográfico do país, conforme o PNAD (2019).

Estes são somente alguns dos números que retratam as situações que atingem mulheres negras cotidianamente e entende-se que essas estatísticas só podem mudar através das lutas feministas e antirracistas. Tendo em vista que as autoras deste trabalho são mulheres negras e uma delas atua na Educação Básica, há uma identificação com muitas das questões trazidas por bell hooks, bem como há a intenção de fazer com que mais meninas e mulheres negras tenham noções dos espaços que podem e devem ocupar.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Desenvolver práticas de compreensão leitora sobre a temática do feminismo com estudantes do 8º ano do ensino fundamental, a partir da obra *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

1.3.2 Específicos

1- Descrever os possíveis efeitos de sentido que a discussão sobre o feminismo provocou em sujeitos do sexo masculino e feminino.

2- Analisar os discursos de estudantes do ensino fundamental, por meio de experiências leitoras de cunho feminista, envolvendo o livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

3- Produzir um caderno de oficinas com gêneros discursivos diversos, para a orientação de docentes no trabalho com a temática do feminismo e outras discussões sociais.

Além deste capítulo introdutório, a materialidade dessa produção organiza-se por meio de dois capítulos teóricos: Discurso e Leitura e Feminismo, seguidos da história de vida da autora Bell Hooks. Dando continuidade, um capítulo com a abordagem metodológica da pesquisa, outro com a descrição das oficinas e as considerações finais, seguidas das referências e um caderno de oficinas com propostas para atuação do docente em aulas de Língua Portuguesa.

2. DISCURSO E LEITURA

2.1 Análise do discurso de linha francesa: reflexões introdutórias

> Discurso é o efeito de sentidos entre locutores.
>
> Pêcheux (1997b)

Ao lermos a palavra discurso, automaticamente associamos a algo formal, político ou religioso, proferido com o objetivo de defender e propor ideias. Para o início dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa há que se considerar, porém, não somente as formalidades da língua, mas as suas exterioridades, seus explícitos e implícitos e seu efeito prático, considerando seus sentidos instáveis e mutáveis, sustentados por diferentes ideologias.

Em um contexto onde não havia um consenso sobre o conceito de discurso, os postulados da Análise do Discurso de linha francesa apresentaram a necessidade de observar o quanto a história está presente na língua, assim tornando possível definir a língua, a história e o sujeito como a tríade constituinte do discurso. A respeito disso, Pêcheux (1990, p.8) define:

> Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o "não está", o "não está mais", o "ainda não está" e o "nunca estará" da percepção imediata; nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível.

Para as reflexões sobre discurso, considerou-se o sujeito específico para análise: o sujeito do inconsciente, da linguagem, interpelado pela ideologia. Dessa maneira, sujeitos que proferem diferentes discursos acerca de uma temática, demonstram formações ideológicas diferentes. Essa troca de ideologias resulta na noção de sentido, uma vez que o processo de produção de sentidos é consequência dos efeitos de sentido produzidos a cada manifestação da linguagem. Levando em conta, portanto, o discurso como palavras em movimento e carregadas de ideologia, Pêcheux (1997b, p.190) teoriza:

> As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem. O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe "em si mesmo" [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Assim, o autor ressignifica a noção de formação discursiva no campo da Análise do Discurso, deixando claro que o sujeito é o resultado do entrelace entre história e ideologia e de

suas relações com o outro, o que o torna gerador de significados e marca sua incompletude. O sentido de toda palavra, portanto, está baseado na formação discursiva de onde advém.

Para Orlandi (2012), a formação discursiva é a projeção da ideologia no dizer. Assim, o sentido de uma palavra é alterado de acordo com a formação discursiva à qual cada sujeito pertence e consequentemente cada formação discursiva remete a uma formação ideológica. Nesse viés, os sujeitos do discurso trazem consigo um grupo de representações a respeito de si, do outro e do assunto elencado.

Nesse contexto, há que se considerar a posição-sujeito assumida por cada sujeito do discurso, uma vez que as formações discursivas influenciam diretamente nessa posição. Assim, conforme Pêcheux (1997b) a posição-sujeito configura-se como um objeto imaginário que ocupa seu espaço no processo discursivo. Entende-se, portanto, que o sujeito não é unificado, pois se constitui em posições-sujeito e revela suas ideologias, bem como é revelado por elas.

2.3 Discurso e leitura

Ler é saber que o sentido pode ser outro.

Orlandi (2008)

Falar em leitura é considerar os diferentes sentidos que essa palavra assume, uma vez que por muito tempo o "saber ler" foi considerado apenas como o ato de decodificar as letras e palavras. Neste trabalho considera-se a leitura como o ato de interpretar e compreender, ato este que é influenciado diretamente pelo contexto no qual está inserido cada leitor, incluindo seu cotidiano, a época em que vive, seus conhecimentos prévios, sua formação ideológica, entre outros aspectos.

Para Orlandi (2008), a leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modo de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade. Dessa forma, o processo de formação de sentidos na leitura de um texto passa não somente pelo que está contido nele, mas pelo contexto no qual ele está inserido e pela associação a textos lidos anteriormente. Nesse viés, é importante considerar as posições-sujeito assumidas por quem emite o texto e por quem o lê.

Assim, a respeito da leitura enquanto questão linguística, pedagógica ou social, é importante ressaltar que ambas estão interligadas e que não há por que separá-las para

compreendê-las, uma vez que os aspectos caminham juntos dentro do processo de assimilação de um texto. Quando um texto se torna somente pedagógico, por exemplo, há somente a preocupação com a leitura enquanto técnica, descaracterizando o trabalho intelectual que deve existir durante o processo.

No contexto da educação pública, no qual este trabalho está inserido, também é importante refletir sobre quais padrões de leitura estão sendo exigidos nas escolas, posto que há uma disparidade entre a formação leitora entre alunos de diferentes classes sociais. Para Pêcheux & Gadet (1983), o discurso da burguesia se caracteriza pela proclamação do ideal da igualdade, ao mesmo tempo em que organiza uma desigualdade real. Ou seja, não há como reduzir a concepção de leitura à classe média, deve-se, por sua vez trabalhar com o aluno a sua própria história de leitura, negando, portanto, a noção que a escola tenta passar de uma leitura homogênea.

Assim, para compreender as relações entre significação e leitura, é necessário pensar nas condições de produção de cada texto. Assim Orlandi (2008, p.85) afirma:

> Essas condições abrangem o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto do discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos e etc.

Dessa forma, refletir sobre discurso e leitura é considerar que cada texto é escrito com um determinado intuito, no qual o sujeito autor pretende atingir um determinado objetivo, porém cada leitor produzirá um sentido diferente para o mesmo texto, considerando as suas diferentes formações discursivas.

2.4 Interdiscurso

> As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e as relações.
>
> Orlandi (2005)

O termo interdiscursividade tem sido cada vez mais difundido entre os professores de língua portuguesa, e consiste em denominar a constituição de um discurso, baseado em outro já existente, ou seja, o termo faz menção a um conjunto de ideias que surge apropriando-se, de forma implícita ou explícita, de outros discursos já proferidos. Para Pêcheux (1997) toda

formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação ao "todo complexo dominante" das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas.

Nesse sentido, o autor defende que as formações discursivas são dependentes desse "todo complexo dominante", partindo do princípio de que a formação discursiva é aquilo que afirma o que se pode dizer dentro de uma formação ideológica. Assim, são os interdiscursos que possibilitam a existência das formações ideológicas, visto, portanto, como "já ditos". Nesse viés, Orlandi (1992, p 89-90) defende:

> O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciador. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso.

Conclui-se, portanto, que o interdiscurso é considerado memória, visto que já foi dito e construído anteriormente e tem relação com os acontecimentos históricos e sociais que norteiam as formações discursivas e ideológicas.

2.5 Leitura enquanto prática social

> Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.
>
> Lajolo (2006)

O ato de ler é comumente associado somente à escrita, porém é importante ressaltar o quanto essa visão é limitante. Para isso, é importante compreender que a leitura deve ser um meio para a compreensão e interpretação, não sendo considerada um fim para a escrita em si. Nesse contexto, Martins (1982) defende que a leitura é um processo que acompanha as pessoas desde o nascimento, pois se aprende a ler, não do modo que comumente é conhecido, mas sim, vivendo. Assim, o aspecto de que desde muito novos somos capazes de fazer escolhas é entendido como leitura de mundo, o que significa que ler nada mais é que a capacidade de dar sentido aos acontecimentos e situações.

Nesse sentido, ao considerar o contexto escolar não se podem excluir conhecimentos prévios trazidos pelos estudantes, uma vez que esses convivem em demais instituições sociais, nas quais desempenham papéis de sujeito e conseguem se comunicar. Isso não anula o caráter

enriquecedor da capacidade leitora, partindo do princípio que ela possibilita mais informações acerca dos mais diversos conhecimentos. Assim, afirma Antunes (2004, p.76):

> Ter acesso à palavra escrita representa a possibilidade de dominar um instrumento de poder chamado linguagem formal. É nessa linguagem formal que, em qualquer país, estão escritos os códigos, as leis, os regimentos, os ensaios científicos –tudo, enfim, que faz parte da organização e do funcionamento dos grupos. Daí o caráter de exclusão do analfabetismo: ele priva as pessoas de um tipo particular de informação.

Além disso, a autora também comenta que não se deve desconsiderar o caráter prazeroso da leitura e, nesse viés, o presente trabalho foi organizado com o intuito de proporcionar momentos de debates necessários e envolventes, que considerassem os mais diversos conhecimentos de mundo e opiniões, valorizando os estudantes, como detentores de saberes.

Conclui-se, portanto, que a leitura constitui um importante elemento para o processo de formação do ser humano, possibilitando o acesso aos mais diversos meios sociais e às discussões que envolvem a cidadania, quais sejam política, economia e cultura.

3. SITUANDO O FEMINISMO NEGRO: CONCEITOS E CONTEXTO

3.1 Lutas feministas: contexto histórico

> Ser mulher negra é experimentar essa condição de asfixia social.
>
> Carneiro (2018)

Historicamente, mulheres são colocadas em situações de submissão e inferioridade em relação aos homens. Assim, a forma certa de ser mulher foi algo ditado pelos homens, desde os primórdios, e segue permeando a sociedade patriarcal na qual vivemos. O discurso masculino esteve e está presente em nossas roupas, empregos, sexualidades e em nossos mais diversos hábitos. Em resposta a esse controle, surgiram os primeiros barulhos do Movimento Feminista, ainda no século XVIII. Nesse recorte, o feminismo originou-se em um contexto de revoluções liberais atreladas aos ideais iluministas, quais sejam a Revolução Americana e Revolução Francesa, as quais tinham o caráter de luta por direitos sociais e políticos.

Já no século XIX, o movimento feminista colocava em pauta as contradições sociais, surgidas após as revoluções industriais, no que diz respeito às formas de dominação masculina. Além disso, questionava-se as diferenças de cargas de trabalho entre mulheres e homens, visto que as mulheres trabalhavam por mais tempo e recebiam salários menores. Em seguida, iniciando o século XX, o direito ao voto era o principal foco. Percebe-se, portanto, que para entender as fases do feminismo, é necessário situá-las nos momentos históricos. A respeito disso, Garcia (2015, p.5) diz:

> Desse modo, o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social.

Especificamente no Brasil, há que se considerar a posição da mulher em nossa sociedade, visivelmente marcada pela delegação das atividades domésticas e pelo pouco direito de ir vir, considerando que, durante séculos, as mulheres só poderiam sair de casa acompanhadas. Nesse contexto, elas começaram a experimentar a liberdade somente quando o

governo enxergou a necessidade de educar a população feminina, todavia, precisa-se entender que este acesso a educação foi viável somente para as mulheres de classes mais abastadas, aumentando ainda mais a desigualdade entre mulheres pobres e ricas.

Ainda no início do século XX, os feminismos no Brasil passaram a ser diversificados. Existia o "feminismo comportado", que apresentava uma tendência mais conservadora e era caracterizado apenas pela reivindicação do direito à cidadania, desconsiderando todas as outras submissões às quais as mulheres estavam expostas, e o feminismo incisivo, o qual enxergava a necessidade de modificar o papel feminino em vários âmbitos. No feminismo conservador, Bertha Luz exerceu papel importante na liderança da Federação Brasileira para o Progresso Feminino. (FBPF). Em contraponto às ideias conservadoras de Bertha, estavam mulheres intelectuais envolvidas na luta sindical, que previam o movimento dos trabalhadores e os preceitos comunistas.

Dando continuidade ao histórico do feminismo, entre as décadas de 1930 e 1960, as movimentações variavam de acordo com os acontecimentos políticos da época. O voto, por sua vez, foi reconhecido em 1934, na Era Vargas. Entretanto, em 1937, os ideais do Estado Novo barraram as lutas de homens e mulheres. Em 1950, porém, o processo de redemocratização permitiu que mulheres pudessem trabalhar sem a necessidade de autorização de seus maridos.

Mesmo sob o contexto da ditadura, na década de 1960, quando aconteceu a revolução dos costumes, as mulheres conseguiram se organizar para almejar seus lugares nos meios sociais. Até que em 1970, os grupos feministas juntaram-se a outros movimentos de lutas sociais, dentre eles, grupos de negros e homossexuais, para resistir à ditadura.

Ao chegar em 1990, as mulheres já se destacavam pela iniciativa de criação de Organizações não governamentais (ONGs), que têm como função pressionar as autoridades para que os direitos das mulheres fossem resguardados e a violência combatida, ajudando inclusive mulheres vítimas mais carentes.

No século XXI, é importante ressaltar que o feminismo se baseia nas opressões e discriminações enfrentadas por mulheres negras. Além de todas as pautas trazidas pela movimentação de mulheres majoritariamente brancas, as pautas que envolvem gênero, raça e classe são vistas como base para as lutas feministas. Nesse sentido, versaremos no tópico a seguir os caminhos percorridos pelo feminismo negro.

3.2 Feminismo negro

> Em razão disto é ir à luta e garantir os nossos espaços
> que, evidentemente, nunca nos foram concedidos.
>
> Gonzalez (1986)

Durante as primeiras manifestações feministas, as lutas eram marcadas pela presença de mulheres brancas de classe média. A importância das primeiras ondas do feminismo é inegável, uma vez que trouxeram à tona inúmeros questionamentos sobre os direitos sexuais, trabalhistas, reprodutivos, entre outros. Todavia, há que se refletir sobre como as mulheres negras foram invisibilizadas nesse processo, mesmo compondo o grupo mais discriminado.

Ressalta-se, portanto, a dupla discriminação pelas quais as mulheres negras passam: por serem mulheres e negras. O feminismo de massa não possuía uma abordagem que abraçasse as reivindicações de mulheres pretas, bem como o próprio movimento negro, geralmente liderado por homens, não tinha interesse em levantar pautas que envolvessem o sexismo. Assim, entre 1970 e 1980 já se percebia as primeiras aparições do feminismo negro no Brasil.

Nesse contexto de exclusão, surgiu o Movimento de Mulheres Negras - MMN, fazendo com que os outros movimentos entendessem a importância de discutir raça e gênero para a construção dos direitos humanos. À época, houve a circulação de um periódico construído pelo Nzinga, Coletivo de mulheres negras, fundado por Lélia González e outras ativistas negras. Assim, partir do "O que é o Nzinga? Um coletivo de mulheres negras" (O QUE..., 1985, p. 2-3, grifos do original):

> Um COLETIVO, porque acreditamos que as decisões devem ser tomadas em conjunto, devem ser o resultado das discussões, devem refletir a diversidade de opiniões. Um COLETIVO DE MULHERES, porque enquanto mulheres participamos da luta contra todas as violências praticadas contra a MULHER, que vão desde o estupro, o assassinato puro e simples em nome da honra, a demissão do emprego Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional por causa de uma gravidez, o receber menos que o homem, ainda que realize as mesmas tarefas, a ausência de creches onde deixar os filhos para que possa trabalhar; passando pelo desrespeito sutil, disfarçado nas "Cantadas de rua", nas palavras obscenas ditas baixinho, até a discriminação a nível jurídico, que penaliza o aborto e discrimina a mãe solteira; responsabiliza a mulher pelo bom ou mau desempenho de seus filhos e sobretudo, não permite dispor de nosso corpo segundo

> nossos desejos. É isto que entendemos por discriminação sexual. Um COLETIVO DE MULHERES NEGRAS, porque aí se encontra a nossa especificidade, a nossa diferença. Por sermos MULHERES, pensamos, agimos, sentimos diferentes dos homens. Sendo NEGRAS, herdeiras em maior ou menor grau da cultura africana, temos um modo de sentir, agir e pensar diferente das mulheres não negras. Além do sexismo, lutamos contra o racismo e a discriminação racial que fazem de nós o setor mais explorado e mais oprimido da sociedade brasileira.

O periódico intitulado *Nzinga informativo* (1985-1989) diferenciava-se dos periódicos feministas já existentes, como *Brasil Mulher* e *Nós mulheres*. Para Rios;Freitas (2018) talvez o primeiro periódico da história do feminismo negro brasileiro enquanto movimento autônomo. Entre as principais temáticas abordadas, estavam comunidade negra, organizações de mulheres, política institucional; histórias de mulheres; educação e direitos sexuais e reprodutivos.

Nesse período, destaca-se a importante produção intelectual a respeito do feminismo negro brasileiro. Militantes e escritoras como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Thereza Santos, Edna Roland, Luiza Bairros, Matilde Ribeiro e Fátima Oliveira constituem uma grande frente de defesa e disseminação do que hoje é considerado o feminismo mais abrangente e significativo. Sobre a necessidade de falar e fugir da dominação patriarcal González (1983, p.225) afirmou:

> [...] por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue e muitas vezes, nós o sabemos) domesticar. E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

Dessa forma, ao colocar as mulheres negras como “lixo”, Lélia consegue traduzir o olhar que é lançado a estas mulheres, dentro de uma sociedade marcada por anos de escravidão. Assim, as mulheres negras passam a ocupar espaços, Rios (2017) ressalta que a presença de mulheres negras nos círculos políticos antiditadura militar, especialmente em organizações de esquerda, em processos de formação de lideranças, tanto do movimento negro quanto do movimento feminista, contribuiu para que elas emergissem como sujeitos políticos independentes.

Nesse sentido, a discussão sobre qual seria a prioridade do movimento feminista negro, se lutar contra o racismo ou sexismo, uma vez que a intersecção entre gênero, raça e classe não pode ser desfeita. Os preceitos do coletivo Nzinga perduram ainda até os dias atuais, embasando as lutas do movimento feminista negro.

Seguindo os caminhos dos primeiros movimentos feministas, o feminismo negro também é marcado pela criação de organizações não-governamentais (ONGs), tais como Geledés, Fala Preta!, Criola, Casa de Cultura da Mulher Negra, Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte, Maria Mulher, entre outras. Bem como, em 1992, pela fundação da Rede de Mulheres Afro Latino-Americanas, e a participação, inicialmente tímida e desconcertada, das mulheres negras na ONU. Posteriormente, esta participação tornou-se relevante e significativa. Percebe-se, neste momento, uma alteração dos discursos destas mulheres em relação às feministas de momentos anteriores. A respeito disso, Alvarez (2000, p 391-392) enfatiza:

> [...] em contraste com os primeiros anos do feminismo [feminismo no singular] – muitas mulheres que se proclamam "feministas" hoje não fazem suas intervenções culturais políticas principal ou exclusivamente dentro de grupos ou organizações feministas autônomas do movimento de mulheres. Em vez disso, na metade dos anos 1990, muitas feministas afirmavam estar levando seus discursos e práticas de transformação para uma ampla variedade de arenas socioculturais e políticas. E a antiga prática predominante da militância dupla dava lugar a práticas feministas mais integradas destinadas a causar impacto ou transformar de dentro os discursos e práticas político-culturais dominantes.

Nesse momento, também é importante destacar a criação da Declaração de Itapecerica da Serra, o primeiro e mais importante espaço de interlocução entre organizações de mulheres negras, o Estado brasileiro e redes internacionais. Neste documento, as ativistas do movimento feminista negro romperam com os ideais do feminismo tradicional, quanto com os do movimento negro, no que diz respeito aos direitos reprodutivos e o controle de natalidade.

São muitas as vertentes que envolvem a luta do movimento feminista negro. Dentre elas, também estão as péssimas condições de acesso à educação e trabalho das mulheres negras, justificadas pela hegemonia do patriarcado e pelo racismo. Assim, com o advento das redes sociais, as ideias do feminismo negro têm conseguido alcance relevante e inúmeras

manifestações no meio artístico musical e visual. As mulheres negras vêm, aos poucos, conseguindo ocupar espaços que, desde sempre, deveriam ser seus.

4. BELL HOOKS: PRESENTE!

Nenhuma negra pode se tornar uma intelectual sem descolonizar a mente.

hooks (1995)

4.1 História e representatividade de bell hooks

Glória Jean Watkins, conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista, que nasceu em 25 de setembro de 1952, no Kentucky – EUA. O pseudônimo, em homenagem à sua bisavó, é escrito em letras minúsculas, pois de acordo com as palavras da própria escritora "o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu". Prezava, dessa forma, pela coletividade em seus escritos.

Durante sua trajetória escolar, hooks estudou em escolas públicas para negros, visto que o regime de segregação racial ainda se fazia presente em alguns colégios estadunidenses. Na adolescência, bell foi transferida para uma escola integrativa, onde seus professores e colegas eram majoritariamente brancos. A escritora revela que sempre foi curiosa e que, quando criança, ela era comumente punida em sua família por expressar seus pensamentos. A respeito disso, hooks (2019a, p.32) relata:

> Para construir a minha voz eu tinha que falar – e falar foi o que fiz – lançando-me para dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos eram infinitas. Elas tinham o propósito de silenciar – a criança, mais particularmente a menina. Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar.

Em 1973, bell concluiu a licenciatura em Letras pela Universidade de Stanford, em 1976 o mestrado pela Universidade de Wisconsin-Madison, e em 1981, o doutorado na Universidade pela Universidade da Califórnia. Sua trajetória profissional foi marcada pela dedicação ao trabalho em diversas instituições escolares, agregando conhecimentos sobre mulheres e estudos afro-americanos.

Vinda de uma família grande, bell pôde fazer as suas primeiras análises sociais tendo como base sua própria família, sua escola e seus vizinhos. Desse modo, conseguiu tirar suas primeiras conclusões a respeito das relações raça, classe e gênero. Estes três fatores foram os pilares para que a escritora conseguisse compreender as relações de dominação e opressão

presentes nas mais diversas relações humanas, quais sejam ricos contra pobres, brancos contra negros e homens contra mulheres.

Entre as maiores inspirações de bell, estão Malcom X, Martin Luther King e os preceitos educacionais de Paulo Freire. Assim, com relação aos preceitos que seguia, a escritora foi rudemente criticada, por não ter escritos comuns e priorizar a acessibilidade e a simplicidade em suas obras. Por consequência desse trabalho, entre tantos prestígios, bell foi ganhadora de um dos maiores prêmios literários dos Estados Unidos: The American Book Award.

Uma das principais questões levantadas por bell hooks era a de que as lutas feministas levantadas à época não eram abrangentes com as mulheres negras. Ela vivia uma dualidade entre seguir apoiando o movimento, abrindo mão de suas pautas raciais, e defender suas pautas raciais, desvinculando-se do feminismo de massa.

Além da carreira brilhante como professora, bell deixou um legado de escritos que fundamentam as discussões de gênero, raça e classe. São importantes obras, que contribuem para a formação do pensamento crítico a respeito do feminismo, algumas na literatura infantil. Dentre as principais obras, estão *Tudo sobre o amor*, *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*, *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* e *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*.

A grande estrela bell hooks nos deixou recentemente, no dia 15 de dezembro de 2021, em Kentucky, nos EUA. A sua família preferiu não dar detalhes sobre a causa da morte, mas sabe-se que ela travou uma luta contra uma grande doença. Resta-nos sermos gratos pela enorme colaboração que bell entregou aos estudos feministas, os quais baseiam este trabalho.

4.2 O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras

> Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisávamos criar consciência.
>
> hooks (2019)

A obra *O feminismo é para todo mundo*, lançado pela editora Rosa dos Tempos, tem a intenção de tornar mais acessível o diálogo sobre os movimentos feministas, uma vez que,

conforme hooks, o feminismo é por vezes apresentado através de termos técnicos e acadêmicos, o que pode dificultar o acesso e desestimular a procura pelo conhecimento da temática.

Composto por 19 capítulos e 176 páginas, o livro surge em um contexto de disseminação dos ideais do feminismo negro e possibilita a reflexão sobre situações que envolvem a discriminação da mulher negra, as dificuldades do mercado de trabalho, os padrões de beleza, a relação raça e classe, dentre outras.

O feminismo é para todo mundo constitui uma peça fundamental para analisar os recortes que precisam ser feitos com relação à posição das mulheres negras dentro do movimento feminista, tendo em vista que elas são as que mais sofrem no contexto do machismo, afetadas de forma diferenciada. Assim, a obra surge com a intenção de levantar discussões acerca da importância da sororidade, padrões de beleza, direitos reprodutivos, sexualidade, entre outras relevantes questões.

Nesse viés, o intuito de bell é viabilizar o acesso a conceitos e definições por parte, também, de pessoas que não fazem parte do Movimento Feminista. Ela entende que as informações a respeito deste assunto devem estar presentes nos mais diversos meios de comunicação, lançando-se com uma linguagem acessível e simples, visando descomplicar o acesso ao que é defendido pelas mulheres da luta, inclusive o fato de desmitificar a ideias de que o feminismo defende que as mulheres devem odiar os homens, o que é amplamente difundido. A escritora quer mostrar, portanto, que a luta pela igualdade gênero é o que norteia o movimento dessas mulheres.

Ainda objetivando promover a compreensão sobre o Movimento Feminista, bell ressalta que para entender o feminismo é necessário compreender o que é sexismo, o qual é denominado como qualquer violência baseada no gênero ou sexo da pessoa, algo bastante presente em nossa sociedade, a qual é comandada majoritariamente por homens. A autora também defende que outras mulheres também reproduzem discursos sexistas, uma vez que estão inseridas neste meio social.

Conclui-se, portanto, que a obra *O feminismo é para todo mundo* é essencial para a disseminação dos ideais feministas, tendo em vista que, através de uma linguagem clara, simples e objetiva consegue atingir pessoas de diferentes gêneros e faixas etárias.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO

5.1 Abordagem da pesquisa

Tendo em vista os objetivos desse estudo, ele é classificado enquanto pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, de caráter intervencionista. Para Thiollent (2018) a pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução, onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação. Nesse sentido, foram analisadas as formas como os estudantes do 8º ano do Colégio Militar Tiradentes XIII, dos quais sou professora, se relacionam com as práticas discursivas que envolvem questões feministas, elencadas no livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

Durante o planejamento da pesquisa, houve o cuidado em manter o foco nos objetivos traçados e na forma mais adequada para alcançá-los. O livro de bell hooks foi lido e adaptado, através de oficinas, para que os alunos pudessem ter autonomia e embasamento para debater sobre o feminismo negro, suas vertentes e representatividades.

Dessa forma, apontamos a justificativa para a escolha da temática do feminismo para o trabalho em sala, visando analisar como os alunos conversam com a temática e quais efeitos de sentido são provocados através das exposições e discussões contidas nas oficinas, acreditando que tais discussões poderão impactar positivamente na construção de uma sociedade menos machista e opressora. Xavier (2010, p.47) define, assim, pesquisa-ação:

> É aquela em que o pesquisador faz intervenções diretas na realidade social que se apresenta com algum problema. Ele interage de forma intensa com os sujeitos pesquisados e com a realidade que o cerca. Além de constatar o problema e suas causas, ele procura agir para solucioná-los de modo prático e conscientizar os sujeitos envolvidos sobre a melhor forma de evitar a ocorrência de tais problemas.

Assim, enquanto mulher negra e professora, entendo como minha missão a necessidade de trazer à tona esclarecimentos sobre o racismo, o machismo e suas consequências, tendo o entendimento de que quanto mais cedo estas questões forem levadas a reflexões, maiores serão as chances de reduzir os danos causados às mulheres.

5.2 Descrição do corpus da pesquisa

Uma vez que a presente pesquisa consiste na discussão da temática do feminismo com os estudantes do 8º ano do ensino fundamental, através oficinas baseadas nas temáticas abordadas na obra *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks, foram selecionadas discussões trazidas dos capítulos da referida obra e, dentre os dezenove que a compõem, sete foram escolhidos para a montagem das oficinas que fazem parte das análises deste trabalho. As oficinas receberam os nomes dos próprios capítulos do livro, quais sejam:

Oficina 1 – Leitura e feminismo. (Referente ao capítulo 1)

Oficina 2 – Leitura e sororidade. (Referente ao capítulo 2).

Oficina 3 – Leitura e padrões de beleza. (Referente ao capítulo 6).

Oficina 4 – Leitura e mulheres negras no mercado de trabalho. (Referente ao capítulo 9).

Oficina 5 – Leitura, mulheres, raça e gênero. (Referente ao capítulo 10).

Oficina 6 – Leitura e o fim da violência contra as mulheres. (Referente ao capítulo 11).

Oficina 7 – Leitura e feminismo visionário. (Referente ao capítulo 19).

A escolha desses capítulos partiu da interpretação das autoras do trabalho de que essas temáticas proporcionariam diálogos e leituras mais importantes e viáveis para o trabalho com a turma de 8º ano, considerando a faixa etária dos estudantes. Foi acordado, por exemplo, que o capítulo 5, o qual trata sobre os direitos reprodutivos e a legalização do aborto, não seria explorado via oficina, por se tratar de um tema polêmico, que divide opiniões e envolve, inclusive, questões religiosas.

É importante ressaltar que os estudantes que têm acesso à internet tiveram contato com a obra, em formato pdf, encaminhada pela professora via whatsapp. Ciente de que alguns não têm acesso às tecnologias, providenciaram-se as cópias impressas dos sete capítulos trabalhados, uma vez que a escola não pôde providenciar as cópias do livro na íntegra. Assim, antes da realização de cada oficina, os estudantes foram orientados previamente para a leitura de cada capítulo, com o intuito de que já trouxessem o conhecimento do livro para o debate em sala.

As oficinas foram trabalhadas no primeiro e segundo semestre do ano letivo de 2022 e envolveram, além da exposição e leitura do livro, a relação com outros gêneros e utilização, principalmente de vídeos e mídias digitais, as quais foram bem aceitas pelos estudantes. Em

tempo, a utilização de recursos como datashow e caixa de som foi viabilizada pela coordenação da escola.

5.3 Contexto da pesquisa

5.3.1 Campo da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na maior escola de ensino fundamental do munícipio de Coroatá-MA, o Colégio Militar Tiradentes XIII, no qual atuo como professora de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental há três anos. A escola fica localizada no centro da cidade e atende estudantes da zona urbana e rural do município.

Em 2022, a escola, que antes era nomeada Complexo Educacional do Ensino Fundamental, passou pelo processo de implantação da escola militar e atualmente tem como diretora pedagógica a Professora Maria Antonia Carmelo da Luz.

A escola conta com 25 salas e no ano de 2022, o colégio contabilizou 1320 alunos matriculados, distribuídos entre as séries finais do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino, tendo como maior número, os alunos do 7º ano. Trata-se de salas de aula com um número elevado de estudantes, divididos por faixa etária.

Em tempos anteriores, a escola foi marcada por receber estudantes considerados indisciplinados e que possuíam as mais diversas demandas de vulnerabilidade social, porém o quadro vem mudando, sobretudo pelo excelente quadro de profissionais que compõem a instituição e pelo esforço de todos em entregar uma educação de qualidade aos jovens coroataenses.

É inegável que o período marcado pela pandemia de Covid-19 causou inúmeras consequências à aprendizagem, mesmo que o município tenha desenvolvido alguns mecanismos para o ensino remoto. A falta de acesso a tecnologias por boa parte dos estudantes dificultou o avanço no período em que estavam fora do ensino presencial. Assim, desde julho de 2021, a escola retornou às atividades presenciais e segue focada em reduzir os danos do período pandêmico.

5.4 Sujeitos da pesquisa

5.4.1 Professora-pesquisadora

Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade Federal do Piauí, amante das relações humanas e seus desafios. Desde muito cedo tive autonomia na minha vida escolar, dizem que aprendi a ler sozinha e aos 4 anos já estava devorando meus primeiros livros.

Fui uma criança e uma adolescente curiosa, sempre cheia de questionamentos e entre eles sempre estiveram aqueles em que eu refletia sobre o porquê da minha identidade e das minhas características afrodescendentes serem tão criticadas, a exemplo do meu cabelo, dos meus lábios carnudos e dos meus olhos grandes.

Sou filha de mãe branca e pai negro e passei a vida escutando discursos como "-Ainda bem que a cor foi da mãe." ou "-Nasceu clarinha, mas com o cabelo tão ruim. Que pena!". Assim eu segui, rodeada de preconceitos e de apagamentos, tais como o meu cabelo, que passou pelo primeiro processo de alisamento químico quando eu tinha apenas 6 anos de idade.

Em muitos momentos da minha vida não me reconheci enquanto negra, inclusive perco as contas de quantos questionários preenchi afirmando veementemente ser branca. Hoje, infelizmente presencio meus alunos reproduzindo esse mesmo comportamento e me coloco em posição de agente transformadora dessa realidade.

A vontade de ser professora surgiu logo no ensino fundamental, pois sempre gostei de comandar, organizar, criar roteiros, fui líder de turma por diversas vezes e participei ativamente de todas as atividades que minha escola proporcionou. Assim, ao chegar ao ensino médio, já estava ciente do que eu queria ser "quando eu crescesse", porém fui criticada dentro e fora do contexto familiar, mesmo sendo filha de pais professores. O descontentamento sempre surgia acompanhado do questionamento sobre como uma aluna prodígio queria ser professora. Eu gostaria bastante que atualmente os jovens que optam por fazer uma licenciatura não fossem abordados dessa maneira, mas a realidade é que esse discurso segue se ramificando.

Minha disciplina preferida sempre foi Língua Portuguesa. Ler, escrever e interpretar nunca foi um problema para mim e eu não tinha dúvidas: era Letras que eu queria. No primeiro Enem que prestei, consegui nota suficiente para ingressar na universidade e comecei a cursar em 2012.

Eu mal sabia que na Universidade aprenderia bem mais que ser professora de Português, pois junto aos conhecimentos da língua e da pedagogia, eu comecei a ter contato com discussões

sociais, manifestações, representações artísticas, emergindo das mais diversas áreas do conhecimento. Ali eu começava a ter contato com questões políticas, raciais, de gênero, entre outras. Foi na Universidade que eu pude perceber tantas barreiras que me foram impostas enquanto mulher negra. Sim, negra! Pela primeira vez eu pude compreender minha ancestralidade.

Durante a academia, tive a oportunidade de estagiar com públicos bastante específicos, que me fizeram enxergar ainda mais as falhas da educação do nosso país e as dificuldades tão gritantes de acesso. Nos estágios obrigatórios, convivi com a realidade da EJA – Educação de Jovens e Adultos, estudantes jovens, adultos e idosos, massacrados pela falta de recursos financeiros e conjunturas familiares tão complicadas. Nas salas da EJA, eu percebi que grande parte dos alunos eram negros, um retrato não obstante da realidade nacional.

Já nos estágios não obrigatórios, trabalhei em um projeto de Alfabetização Intensiva, que tinha como foco alfabetizar alunos que já estavam nas séries finais do ensino fundamental I em escolas públicas do município de Teresina-PI e ainda não conseguiam realizar leituras. Ali, mais uma realidade, quase todos os alunos eram negros e enfrentavam diversas situações de desarranjos familiares e de influência dos locais periféricos onde residiam.

Também trabalhei com aulas de reforço e era nesse momento que a maior disparidade vinha à tona, pois os alunos de escolas particulares que eu atendia eram em sua maioria brancos e possuíam uma estrutura familiar que focava em organizar suas vidas escolares. Não preciso nem dizer onde o ensino fluía com mais qualidade, diante da realidade do ensino público e da desigualdade social que assola o nosso país.

Segui trabalhando em algumas outras áreas, até que em 2019 fui aprovada em um concurso público, na cidade de Coroatá - MA, onde sigo atuando até então e onde a presente pesquisa foi feita. Trata-se de um município pequeno, onde eu já imaginava que encontraria situações que me demandariam bastante empenho e dedicação.

Desde que comecei a trabalhar em Coroatá, meus alunos são em sua maioria negros e todos os dias eu reflito sobre a realidade que se encontra quando se entra em uma sala de universidade pública, principalmente nos cursos mais concorridos, marcada por alunos brancos, que tiveram acesso à rede de ensino particular.

Para além das questões raciais, sigo me alimentando de questões feministas e desde a universidade pude ter contato com autoras nacionais e internacionais que contribuíram e contribuem com as minhas bases ideológicas, tais como Angela Davis, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e bell hooks, a escolhida para elencar as oficinas de leitura que compõem os instrumentos para geração de dados da pesquisa.

Em 2021, fui aprovada no processo seletivo do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, no campus da UERN Assú. Logo fui recepcionada por uma coordenadora potente. Mulher, negra, mãe, professora, doutora e que volta seus estudos também para as questões étnico-raciais. Que felicidade! Eu a encontrei, nós nos encontramos e eu sou muito grata ao universo por tamanho acontecimento.

Ao definir a linha de pesquisa que eu seguiria na minha dissertação, eu não tive dúvidas, falaria sobre o feminismo que tem, em sua base, vertentes defendidas pelo movimento de mulheres negras e utilizaria para a análise os postulados dos estudos discursivos de inspiração pecheuxtiana, que Professora Francisca Ramos me reapresentou. Assim surge o presente trabalho e as análises advindas a partir dele.

5.4.2 Alunos participantes da pesquisa

O Colégio Militar Tiradentes XIII é composto por estudantes advindos das zonas urbana e rural da cidade de Coroatá-MA e, atualmente, é a maior escola de ensino fundamental do município. Os estudantes advêm, em sua maioria, de classes baixas e apresentam conjunturas familiares com os mais diversos problemas.

A turma que participou da pesquisa é composta por 36 alunos, com faixa etária entre 13 e 15 anos, os quais são predominantemente negros e pertencentes ao 8º ano do ensino fundamental, da qual sou professora de Língua Portuguesa. Infelizmente, por conta da pandemia estes alunos apresentam inúmeras dificuldades de compreensão e assimilação dos conteúdos e 3 deles iniciaram o ano letivo de 2022 sem saber ler e escrever.

Quanto ao acesso às tecnologias, seis deles afirmaram que nem eles, nem outro membro da família possui acesso a celular ou notebook, para que pudessem fazer a leitura da obra de bell hooks, no formato pdf. Assim lhes foram entregues cópias impressas do livro. Nesse sentido, uma boa parte apresentou familiaridade com as mídias digitais e caracterizam-se por ser uma turma bastante atualizada no que diz respeito a redes sociais e internet.

5.5 Etapas da pesquisa

a) Discussões acerca do feminismo, observando se os estudantes têm interesse na temática;

b) Aplicação de oficinas baseadas na obra *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks nas salas de aula de 8º ano do Colégio Militar Tiradentes XIII;

c) Análise discursiva dos efeitos de sentido provocados a partir da leitura da obra *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks;

d) Produção de um caderno de oficinas com gêneros discursivos diversos, com o intuito de orientar docentes para o trabalho com a temática do feminismo e outras questões sociais.

6. DAS OFICINAS: BELL HOOKS PARA TODO MUNDO

6.1 Descrevendo as oficinas

O caderno de oficinas proposto ao final deste trabalho propõe sete oficinas baseadas nas temáticas trazidas por bell hooks em *O feminismo é para todo mundo*. A seguir, analisaremos três dessas oficinas aplicadas no 8º ano do Colégio Militar Tiradentes XIII.

6.1.1 Oficina 1 – Leitura e feminismo

O primeiro capítulo do livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks apresenta a temática do feminismo e situa a vertente defendida pela autora: o feminismo negro. Neste momento, a autora faz um apanhado histórico do feminismo de massa e aponta os pontos que excluíram as mulheres negras desse processo.

Assim, a oficina I tem como objetivo apresentar bell hooks e suas obras, bem como dar início a discussões sobre o feminismo. Através de recursos, como vídeos do youtube e da leitura em grupo de trechos de *O feminismo é para todo mundo,* foi possível viabilizar discussões acerca do assunto nas turmas de 8º ano.

Foto 1 – Apresentação da Oficina 1

A foto 1 retrata o momento da apresentação da Oficina 1 aos estudantes do 8º ano. É importante salientar que a turma já havia sido orientada para que fizessem a leitura do primeiro

capítulo de *O feminismo é para todo mundo*. Infelizmente, nem todos os alunos fizeram a leitura, porém demonstraram ter algum conhecimento sobre a temática.

Foto 2 – Recorte do vídeo Movimento Feminista no Brasil

O primeiro vídeo exibido na Oficina 1 relata, em curta duração, o histórico do feminismo no Brasil, suas fases e conquistas, além do que é defendido pelo movimento. Por meio da linguagem acessível adotada no vídeo, foi possível despertar o imaginário dos estudantes para questões presentes na sociedade, inclusive no que diz respeito ao machismo estrutural. A seguir, a transcrição de algumas falas referentes à exibição do primeiro vídeo. Os estudantes serão identificados pela letra E, seguido de numeração.

> *Eu acho mesmo que os homens devem ajudar as mulheres em casa. (E1)*
>
> *Ah, professora. As mulheres ganham mais que os homens, só com a quantia que recebem de bolsa família. (E2)*
>
> *Meu tio não deixa minha tia sair de casa com qualquer roupa. (E3)*

Nesse sentido, entende-se como a discussão foi proveitosa e, de forma fácil, foi possível que os estudantes fizessem correspondências com fatos que acontecem em seus cotidianos. Percebe-se, mesmo que inicialmente, o quanto é importante provocar tais reflexões em sala de aula.

Foto 3 – Recorte do vídeo Conheça o pensamento de bell hooks

De forma sucinta e acessível, Mariléa de Almeida consegue, através deste vídeo, apresentar as principais obras de bell hooks e o quanto a autora é importante para o debate sobre o feminismo. Infelizmente, durante a exibição do vídeo, foi possível identificar uma fala racista, advinda de um dos estudantes, em relação ao cabelo da doutora. A seguir, a transcrição.

Isso é um cabelo ou uma árvore (risos). (E1)

Alguns estudantes também riram do comentário. Nesse momento, dei segmento à exibição do vídeo e anotei o comentário no quadro, para que eu pudesse conversar sobre a natureza dele, quando acabasse a exibição. Assim o fiz, explicando o quanto o comentário foi desagradável e racista, e como isso fere, inclusive a mim, que tenho o cabelo igual ao de Mariléa. O estudante demorou um pouco a aceitar que estava errado, mas com o tempo compreendeu e pediu desculpas pela fala. A turma ficou constrangida, mas é sabido o quanto a intervenção foi necessária.

Nesse momento, anotei o nome de uma das obras de bell no quadro: “Meu crespo é de rainha”, e perguntei aos estudantes qual a relação entre esse título e o comentário que o colega fez sobre o cabelo de Mariléa. Um dos estudantes reproduziu a seguinte fala:

> *Professora, pelo título é tipo como se o cabelo fosse uma raíz, que foi transcendendo de uma geração para outra. Aí vem o cara e faz um comentário racista desses. (E2)*

A partir desse discurso, percebe-se, portanto, que o estudante carrega consigo a ideia de ancestralidade e da importância da aceitação dos traços negróides, como o cabelo. Nesse sentido, acredita-se ter sido importante a troca de ideias após o comentário racista, visto que foi possível perceber outros pontos de vista.

Foi crucial, nesse momento, expor que o racismo é estrutural, ou seja, não há um grupo específico de pessoas que sejam racistas, todos somos racistas, nas sutilezas ou não. Assim, o estudante que proferiu o discurso preconceituoso pôde entender que todos reproduzimos falas discriminatórias e que sempre há tempo para corrigi-las.

6.1.2 Oficina II – Leitura e sororidade

O terceiro capítulo da obra de *O feminismo é para todo mundo* traz à tona um dos principais pontos defendidos pelo movimento feminista: a sororidade. Falar de sororidade é refletir sobre a união e o sentimento de proteção entre as mulheres, algo que é bem questionável, diante do cenário de competição que nos é imposto desde o nascimento, sobretudo pelos homens. Assim, julgamos importante viabilizar essas noções a meninas ainda tão jovens.

Dessa forma, a Oficina II foi aplicada com bastante êxito, provocando muita escuta por parte dos meninos e muitas emoções nas meninas, uma vez que elas perceberam o quanto a relação com suas amigas e mulheres de suas famílias são repletas de pontos de inveja e falta de cumplicidade, algo que é comum em uma sociedade machista.

Em primeiro momento, ao serem questionados sobre os seus conhecimentos acerca da palavra Sororidade, muitos dos estudantes disseram não conhecer a palavra, e alguns outros deram suas opiniões sobre o que o termo significava:

> *Tia, eu acho que sororidade é quase a mesma coisa que solidariedade. (E1)*

> *Amizade e união entre as mulheres. (E2)*

Percebe-se, portanto, que alguns dos estudantes conseguiram associar o termo à imagem e aos conhecimentos prévios que já tinham, seja a partir da leitura do livro ou do grande alcance que a palavra *sororidade* tem tido nos últimos anos, com o avanço da luta feminista.

Houve uma divisão entre as alunas da turma, quando questionadas se preferiam ser amigas de meninos ou meninas. A estudante E1 afirmou preferir amizade dos meninos e a E2 disse que prefere ser amiga de meninas, ambas justificaram das seguintes formas:

> *Eu acho que eles são mais legal. (E1)*

> *Menino não sabe nada de mulher. (E2)*

Quando as questionei se elas já haviam escutado outras mulheres dizendo que preferem ser amigas de homens, porque mulheres são falsas, grande parte da turma respondeu em alto e bom som que sim e algumas concordaram, o que demonstra que a rivalidade feminina está presente no meio em que convivem.

Foto 1 – Recorte do vídeo Sororidade

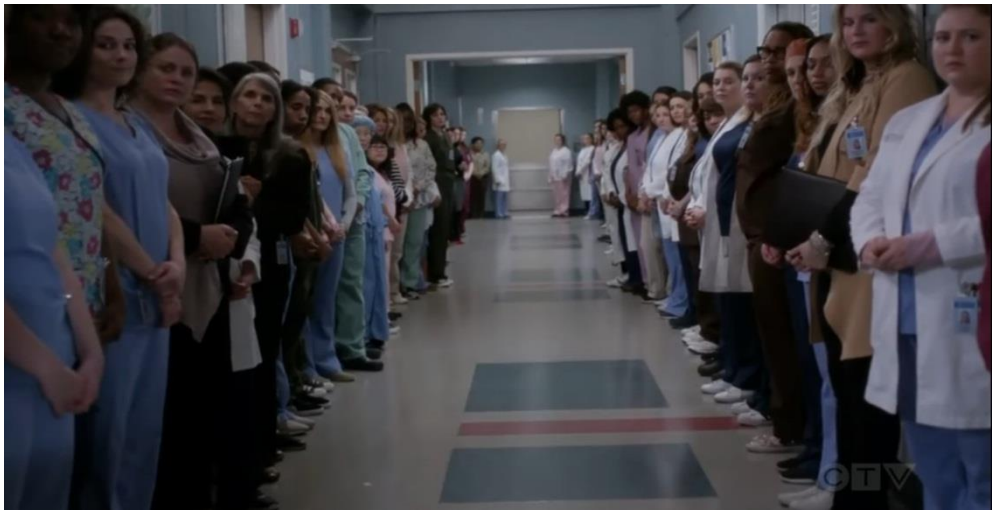
O primeiro vídeo exibido nas oficinas trouxe, de forma descontraída, algumas questões a respeito da necessidade de pensar sobre o quanto as mulheres necessitam umas das outras. Dessa forma, a atriz contratada para a campanha fala sobre o quanto é bom ter outras mulheres para se apoiar, sem que haja medo ou julgamentos presentes nessas relações.

Nesse momento, uma das estudantes relembrou o quanto as meninas competem por causa de homens, inclusive. Segue a fala:

Tia, as meninas aqui vivem brigando por causa do menino mais bonito. E1

Portanto, é possível perceber o quanto a temática competitividade despertou essas alunas para a exposição de seus conflitos, infelizmente tão enraizados na sociedade machista. Torna-se estarrecedor perceber o quanto essas questões iniciam precocemente na vida dessas adolescentes.

Foto 2 – Recorte do vídeo que retrata a sororidade no seriado Grey's Anatomy



A ideia de trazer uma cena de um seriado famoso para discutir a questão da sororidade foi bastante aceita pelos estudantes. Alguns disseram já conhecer a série e já terem assistido ao episódio do qual foi retirado o trecho para a exibição. Trata-se de uma paciente, que em situação anterior foi abusada por um médico e precisava fazer um novo procedimento. O hospital então se reuniu e fez com que a equipe cirúrgica fosse composta somente por mulheres, bem como preparou uma surpresa no corredor do hospital, para que a paciente pudesse se sentir mais segura.

O vídeo provocou bastante comoção na turma, principalmente nas meninas, causando inclusive algumas lágrimas e um silêncio que disse bastante sobre o quanto as mulheres são ameaçadas diariamente, nos mais diversos ambientes. Abaixo a transcrição da fala de uma das alunas.

> *Tia, eu queria sempre em hospitais ser atendida só por mulheres, porque eu tenho medo. (E1)*

A fala acima é carregada de muitos sentimentos, que acometem as mulheres desde muito cedo. Acredita-se que trabalhar a sororidade pode, portanto, fortalecer os laços entre colegas de turma, professoras e mulheres da família, fazendo com que as estudantes se sintam mais seguras e possam compartilhar suas dores com suas parceiras.

Fotos 4, 5 e 6 – Construção do cartaz: Cantinho da Sororidade

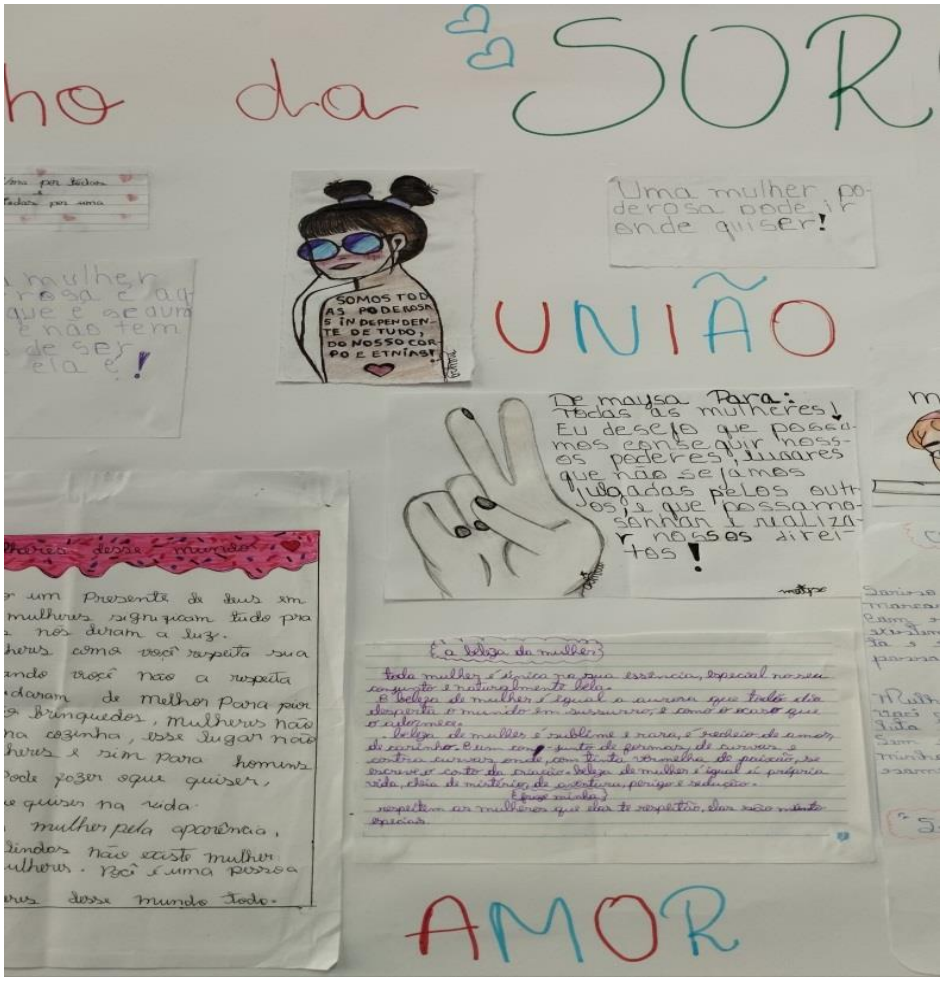


Foto 4

Dados do arquivo da pesquisa

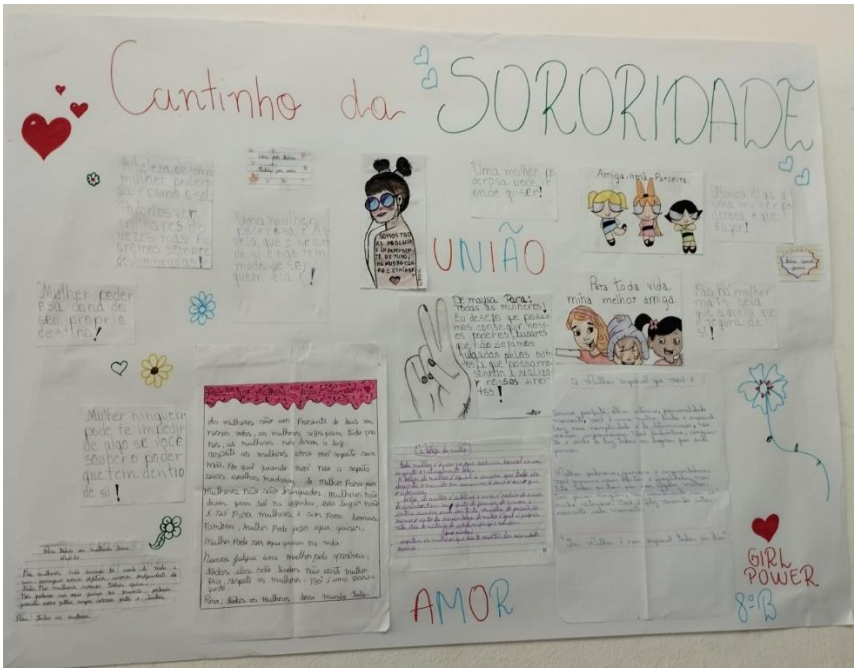


Foto 5

Dados do arquivo da pesquisa

Foto 6

Dados do arquivo da pesquisa

Com o intuito de promover uma rede de parceria e afeto entre as meninas do 8º ano, foi proposta a construção de um Cantinho da sororidade, que consiste em um cartaz produzido com mensagens trazidas pelas próprias alunas, para que lembrem o quanto são importantes e que podem contar com suas colegas. A construção foi bastante exitosa e é notório o quanto elas zelam pela preservação do "cantinho".

6.1.3 Oficina III – Leitura e padrões de beleza

O sexto capítulo da obra *O feminismo é para todo mundo,* intitulado *"Beleza por dentro e por fora"* versa sobre uma temática bastante difundida nos dias atuais, sobretudo no universo feminino: os padrões de beleza. É sabido que desde a infância há uma cobrança para que mulheres se ajustem a determinados padrões estéticos, para que sejam enxergadas enquanto "mulheres bonitas".

A oficina III tem como objetivo incentivar a reflexão dos estudantes a respeito da forma como enxergam a si e ao próximo. A mesma foi aplicada com bastante êxito e proporcionou inúmeros questionamentos sobre o que é beleza e como a determinamos.

Para início de conversa, solicitei aos estudantes que citassem, em um momento anterior ao dia da aplicação da oficina, nomes de mulheres famosas que eles considerassem bonitas. O intuito do questionamento foi o de apresentar fotos dessas mulheres na introdução da discussão. Abaixo, seguem as imagens das três mulheres famosas que eles denominaram bonitas:

Fotos 1, 2 e 3 – Mulheres citadas, pelos estudantes, como bonitas:

Foto 1 – Virgínia

Foto 2 – Luisa Sonza

Foto 3 – Mel Maia

Estas fotos foram projetadas no Datashow no início da aplicação da oficina III, com o intuito de que os estudantes percebessem o que essas mulheres que eles consideraram bonitas possuem em comum. Ao serem questionados surgiram as seguintes respostas:

Elas têm o mesmo cabelo liso e loiro. (E1)

Elas são lindas e têm o corpo lindo. (E2)

Elas são brancas. (E3)

Elas sempre estão maquiadas. (E4)

É visível que existe um padrão em comum entre as mulheres que os estudantes informaram, ambas são brancas, magras e possuem traços finos. Além disso, como um dos estudantes citou, geralmente estão fazendo uso de maquiagem, isto faz com que elas se encaixem ainda mais no que é considerado belo para a sociedade.

Após a introdução, algumas imagens, retiradas da internet, foram apresentadas a eles, para que opinassem sobre qual das três mulheres é a mais bonita. O questionamento veio novamente no sentido de entender qual padrão de mulher é realmente considerado bonito.

Fotos 4, 5 e 6 – Imagens apresentadas aos estudantes

Foto 4

Foto 5

Foto 6

As fotos acima foram exibidas, e a maioria dos estudantes escolheu a mulher presente na foto 1. Percebe-se, novamente, que há um padrão na escolha deles, uma vez que a mulher presente na primeira foto também é branca, magra e possui traços finos. Há que se ressaltar que apenas um dos estudantes considerou a terceira mulher como a mais bonita, trata-se de uma mulher preta e gorda. Ao serem questionados sobre o que a mulher da foto 1 tem em comum com as primeiras famosas exibidas, os estudantes responderam:

Tia, elas são novas. (E1)

Eu acho o corpo delas bem feito. (E2)

O cabelo delas é bem arrumado. (E3)

Quando questionados sobre o porquê apenas um estudante escolheu a terceira mulher como a mais bonita, a sala ficou em silêncio, os estudantes se olharam, alguns calados, outros com expressão de desconfiança, mas nenhum se propôs a arriscar explicar o porquê dessa preferência. Percebeu-se, nesse momento, o desconforto dos estudantes ao notar que a terceira mulher não foi escolhida como mais bonita, possivelmente por ser negra e por possuir um corpo fora do padrão de magreza exigido socialmente.

Logo após esse questionamento, um vídeo da cantora Iza, em entrevista ao ator Lázaro Ramos, foi exibido. Nele, Iza fala sobre como os padrões de beleza impostos socialmente influenciaram na visão que ela possuiu e possui de si própria.

Foto 7 – Recorte do vídeo da entrevista da cantora Iza

Na entrevista retratada na imagem acima, a cantora Iza afirma que durante a infância não se enxergava como uma garota bonita. Ela cita, por exemplo, o momento em que teve seu nome incluso na lista das meninas mais bonitas da sala, brincadeira comum entre estudantes da época em que ela estudava. Hoje, ela afirma se considerar bonita, porém após um processo de aceitação, que durou anos.

Ainda no mesmo vídeo, a cantora relembra as vezes em que esteve em ambientes onde somente ela e sua família eram negros e, por este motivo, extremamente observados, situação

corriqueira no cotidiano de pessoas pretas. Ela ressalta, também, o quanto foi relevante que sua mãe sempre a dissesse que ela era bonita. Percebe-se o quanto o papel da família é importante para a construção da autoestima.

Após assistirem ao vídeo, pedi que os estudantes ressaltassem o que o vídeo da cantora Iza tem a ver com o capítulo do livro lido, as fotos apresentadas e os questionamentos anteriores. Alguns deles deram suas opiniões:

Tia, ela também nunca tinha sido escolhida como mais bonita. (E1)

Nunca acharam ela bonita por ela ser negra, por causa do cabelo dela. (E2)

Ao darem suas opiniões, fiz, agora somente para as meninas, um novo questionamento, com o intuito de entender se as meninas da turma, as quais são majoritariamente negras, achavam-se mais parecidas com o padrão das mulheres escolhidas como bonitas ou com o padrão da cantora Iza, e elas concordaram que são mais parecidas com a Iza. Em seguida, questionei como elas se sentem em uma situação onde preferiram votar como mais bonitas as mulheres que não se parecem com elas. Nesse momento, novamente houve um desconforto visível na turma, e as mesmas permaneceram caladas.

Após a exibição da entrevista, fizemos a leitura de trechos do capítulo 6 que apresentam a visão de bell hooks acerca dos padrões de beleza femininos. Ela cita, por exemplo, o quanto a pluralidade estética das mulheres do movimento feminista a fascinava. Em seguida, um outro vídeo foi apresentado à turma: uma propaganda da marca Dove, que tinha o intuito de fazer com que as mulheres classificassem como se viam diante das opções “bonita” e “comum”.

Foto 8 – Recorte do vídeo da propaganda Escolha Bonita, da marca Dove

Nesta propaganda, mulheres de vários países foram colocadas em posição de escolha sobre qual porta deveriam atravessar: a de bonita ou comum. Muitas das mulheres não hesitaram em escolher a opção “normal”. Umas se arrependeram da escolha, e somente algumas poucas escolheram a opção “bonita”. A propaganda nada mais é que um experimento social, para demonstrar como os padrões de beleza impostos em nossa sociedade são capazes de fazer com que inúmeras mulheres tenham baixa autoestima. Quando questionei às meninas da sala sobre em qual porta elas entrariam, responderam em alto e bom som que seria na porta “normal”. Assim, os questionei sobre como eles achavam que estavam sua autoestima e eles responderam:

Tia, a minha sumiu. (E1)

Eu nunca tive autoestima. (E2)

É importante frisar que esta oficina foi aplicada a estudantes no início de sua adolescência, onde percebe-se que o impacto dos padrões de beleza já está bem instalado. Ter contato com estudantes tão jovens e com baixa autoestima, que muitas vezes os levam a quadros depressivos, é extremamente preocupante. Discussões como as levantadas nessa oficina são relevantes para que os jovens possam reconhecer suas potências e consigam, desde cedo, exaltar suas belezas.

Outras análises

De acordo com os dados gerados a partir das três oficinas citadas, pôde-se compreender o quanto o racismo estrutural está presente em nossas construções sociais. Considerando também o machismo, que tem como principal foco, as mulheres negras, conseguimos situar a questão racial em um recorte discriminatório enraizado em nossos conscientes e subconscientes. Para ser racista, segundo Munanga (1990), basta ter a crença na existência das raças como algo hierarquizado, estruturado e determinantes, classificando as raças como inferiores e superiores.

Assim, quando versamos sobre racismo, há que se ressaltar que ele não aparece somente de forma explícita, mas está nas entrelinhas. De acordo com Myers (2014), pode-se dizer que existem duas formas de preconceito, sutil (implícito) e flagrante (explícito), as atitudes de preconceito explícitas, podem ser alteradas rapidamente e as formas de preconceito sutil podem ser ainda mais generalizadas. Nesse sentido, consideremos as formas sutis como aquelas que

devem ter nossas atenções e olhares minuciosos dentro das salas de aula, bem como o machismo, que também aparece nas sutilezas e nos discursos comumente repetidos.

Entendendo o discurso como algo que parte de uma base ideológica, é possível situar as falas machistas dos estudantes em um contexto que invisibiliza e restringe os espaços das mulheres negras. O que foi proferido por eles perpassa gerações e segue sendo reproduzido. O intuito de materiais como o caderno de oficinas em anexo é o de auxiliar no combate a essa prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se escolhe ser professor, é sabido que muitos entraves estarão pelo caminho, sobretudo no âmbito da escola pública. Estudantes carentes, salas superlotadas, faltas de recurso e acompanhamento familiar, dentre outras questões estruturais, aliam-se a diversas questões sociais que precisam de atençao e esclarecimentos, a exemplo do bullying, das doenças psiquiátricas, do racismo, do machismo e da misoginia.

A presente pesquisa teve como intuito levar informações acerca do feminismo e sua importância e representatividade. De acordo com os pensamentos de bell hooks, em *O feminismo é para todo mundo* foi possível elaborar um caderno com oficinas bastante lúdicas, para que informações sobre a temática feminista, envolvendo raça e classe possam ser alcançadas com facilidade e objetividade por estudantes dos anos finais do ensino fundamental.

Nesse sentido, após a aplicação das sete oficinas que compõem o caderno elaborado, percebeu-se que é possível provocar questionamentos a estes estudantes e fazer com que associem as temáticas propostas ao machismo que os atinge cotidianamente. Portanto, em uma turma majoritariamente negra, foi de extrema relevância entender como o feminismo negro, delineado por bell hooks, é uma arma de ação em uma sociedade discriminatória.

Para bell (2019) enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo. Ou seja, não há como colocar o feminismo de base, aquele comandado por mulheres brancas, como uma filosofia capaz de abranger as problemáticas que mulheres negras enfrentam, uma vez que são inferiorizadas não só como mulheres, mas também afetadas por questões raciais.

Assim, pautas que envolvem sororidade, padrões de beleza, mercado de trabalho, violência contra a mulher, e outras, acionaram inúmeros gatilhos em meninos e, principalmente, meninas que, desde muito cedo, vivenciam situações causadas pelo racismo estrutural. As oficinas causaram, inclusive, bastante comoção em alguns momentos, tanto nos alunos, quanto na professora, mulher negra, que se sentiu tocada desde o primeiro momento que teve contato com os escritos de bell.

Nesse sentido, foi possível verificar o quanto alunas e alunos adolescentes reproduzem muitas das falas machistas que escutam em seus contextos de convívio, e o quanto antes tais

falas forem repreendidas e reorientadas, mais cidadãos conscientes e livres poderemos ver em nossos meios sociais.

Foi impactante perceber que, para além da interpretação dos meninos, muitas meninas não se acham bonitas e não consideram bonitas também suas semelhantes negras. As mulheres citadas como bonitas durante a aplicação das oficinais eram somente mulheres brancas, com traços finos. Tal fato traz à tona a reflexão sobre qual autenticidade e segurança queremos que nossas estudantes construam.

Há que se considerar, também, as condições de preterimento em que as mulheres negras se encontram no campo amoroso, o que causa a diminuição da autoconfiança e autoestima, reverberando nas suas interações e motivações. Essas estudantes precisam assimilar onde podem devem chegar, compreendendo que o lugar delas é onde queiram estar.

Entende-se que os anos de escravidão pelos quais o nosso país passou deixaram profundas marcas em nossas organizações e em nosso imaginário. Acredita-se, portanto, que todas e todos reproduzimos discursos racistas e machistas, mesmo que, por vezes, não tenhamos consciência do que estamos dizendo. É o resultado de uma colonização empenhada no apagamento de nossa cultura e importância.

Dessa forma, este apagamento está presente e influente também nos papéis que as mulheres negras assumiram dentro de nossa sociedade, considerando que as foi negado o acesso aos estudos e a posições de prestígio no mercado de trabalho, realidade que vem sendo transformada aos poucos, mas ainda há muito o que se alcançar.

A organização escolar não pode se eximir da função de incentivar o pensamento crítico dos estudantes e, nessa situação, de todos os profissionais, tendo em vista que o machismo atrelado ao racismo está presente, rotineiramente, em suas falas e ações. A intenção de criação de uma sociedade mais justa exige que todo o grupo esteja focado em objetivos, e abolir o machismo deve ser um deles.

Por fim, espera-se que esta pesquisa possa ser disseminada, aprimorada e adequada às situações nas quais o caderno de oficinas em anexo possa ser utilizado, uma vez que o trabalho é só uma alternativa para o trabalho com as questões de gênero. A partir das ideias desenvolvidas na construção do caderno, é possível gerar novas possibilidades, integrar outros

gêneros, outras leituras e seguir com a missão de melhorar as condições de vida de meninas e mulheres.

A grande Elza Soares cantou “mulher do fim do mundo, eu sou, eu vou, até o fim cantar”. Que as lições de uma mulher negra como ela, bell, as pesquisadoras deste trabalho e de tantas outras mulheres possam gerar conhecimentos e meios para a diminuição das agruras sofridas por nós. Avante!

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia. A “globalização” dos feminismos latinoamericanos: tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**: novas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p.383-426.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminisno afrolatinoamericano, foi publicado originalmente na Revista Internacional, Santiago, v. 9, p. 133 – 141, 1988. In: UCPA (org.). **Lélia González:** primavera para as rosas negras. Coletânea organizada e editada pela UCPA – União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 307 - 320.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na Cultura Brasileira. In: SILVA, L. A. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, Cap. 3, 1983.

GONZALEZ, Lélia. Trecho de Entrevista publicada no Jornal do Conselho da Comunidade Negra de São Paulo, ano II, n. 5, abril-maio de, 1986.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos feministas**, v. 3, n. 2, 1995. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465> . Acesso em: 05 ago. 2023.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed.. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LEONE, E. T.; BALTAR, P. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. **Revista brasileira de estudos de população**, v. 25, n. 2, p. 233-249, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n2/v25n2a03.pdf. Acesso em: 05/04/2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude afro-brasileira**: Perspectivas e Dificuldades. Revista de antropologia, v.33. 1990.

MYERS, David G. **Psicologia Social**. Artmed: Porto Alegre, 2014.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005b

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso -** Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: EDUNICAMP, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. **Cadernos de estudos linguísticos**, n.19. Campinas: Unicamp.1990, p. 7-24.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. sur, v. 24, p. 99-104, 2016.

RIOS, Flavia. A cidadania imaginada pelas mulheres afro-brasileiras: da ditadura militar à democracia. In: BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (org.). **50 anos de feminismo**:

Argentina, Brasil e Chile, a construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São Paulo: Edusp, FAPESP, 2017. p. 227-253.

RIOS, Flavia; FREITAS, Viviane Gonçalves. Nzinga Informativo: redes comunicativas e organizacionais na formação do feminismo negro brasileiro. **Cadernos Adenauer**, São Paulo, n. 1, p. 25-45, 2018.

SANTANA, Dinamares Fontes de. Discriminação da mulher e do direito do trabalho: da proteção à promoção da igualdade. **Conteúdo jurídico**, Brasília-DF: 13 fev. 2012. Disponível em: http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver2.35778&seo1. Acesso em: 01/04/2022

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2018.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Réspel, 2010.

APÊNDICE 1 – CADERNO DE OFICINAS

CADERNO DE OFICINAS

COMPREENSÃO LEITORA E FEMINISMO: BELL HOOKS PARA TODO MUNDO

Raquel Araújo

O meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa.

Conceição Evaristo

Este caderno é dedicado aos colegas e professores da turma 7 do PROFLETRAS ASSU/RN, em especial à Professora Dra. Francisca Ramos-Lopes, minha orientadora e um pilar importantíssimo em minha formação.

Em momento algum acreditei que o movimento feminista devesse ser, e que fosse, um movimento só de mulheres. No mais íntimo do meu ser, sabia que nunca teríamos um movimento feminista bem-sucedido se não conseguíssemos incentivar todo mundo, pessoas femininas e masculinas, mulheres e homens, meninas e meninos, a se aproximar do feminismo.

bell hooks

Atualmente, vivemos um momento de ascensão das discussões de cunho social, amplamente difundidas através das mídias digitais, sobretudo das redes sociais. As pautas de cunho feminista estão em foco e têm ajudado as mulheres a estabelecer limites e lutar pelos espaços que desde os primórdios deveriam ser seus. Tais discussões chegam às mais diversas faixas etárias, inclusive a adolescentes em fase escolar, os quais estão estabelecendo suas personalidades e locais de fala dentro de suas comunidades.

Nesse sentido, além de levar conteúdos curriculares, é sabido que a escola tem a função de apresentar conhecimentos de direitos humanos, bem como de combater preconceitos e opressões que se apresentem em seus meios sociais. Entende-se, portanto, que os conhecimentos acerca dos direitos das mulheres devem ser debatidos, também, no contexto escolar.

Assim, compreendendo que a maioria da população brasileira é negra, há que se considerar também a necessidade de apresentar ideias e pensamentos de mulheres negras, no que diz respeito ao feminismo, ao preconceito e à importante relação entre gênero, raça e classe, quando se fala em acesso a direitos.

Nesse viés, surgiu a ideia de transformar os conhecimentos da renomada autora feminista negra, bell hooks, e seus ideais transcritos em *O feminismo é para todo mundo* em oficinas, as quais podem ser aplicadas em salas de aula, com o intuito de viabilizar o acesso de meninas e meninos ao contexto de discriminação e opressão no qual mulheres, principalmente as negras, estão envolvidas.

Desse modo, o presente caderno de oficinas, intitulado *Compreensão leitora e feminismo: bell hooks para todo mundo* foi elaborado para oportunizar que professores e professoras possam trabalhar de forma elaborada e bem embasada a temática do feminismo e seus impactos em nosso cotidiano. A iniciativa faz parte do meu trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/ASSU.

O caderno é composto por sete oficinas, baseadas em reflexões propostas por bell hooks em sete dos dezenove capítulos que compõem a obra. Houve a preocupação em mesclar os gêneros trabalhados e usar, principalmente, plataformas digitais para o acesso a informação, tendo a ciência de que este tem sido o meio mais dinâmico e atrativo para os trabalhos em sala de aula.

É sabido que somente este caderno não será suficiente para esclarecer toda a problemática que envolve as mulheres e suas histórias de luta em nossa sociedade, mas é um aliado no combate às mais diversas violências de gênero, às quais meninas e mulheres seguem sendo expostas. Espero que este material seja enriquecedor e uma porta de acesso à formação de educadores e estudantes mais sensíveis e empenhados em mudar a realidade machista e misógina que nos assola.

Um abraço,
A autora.

Sumário

Oficina 1 – Leitura e feminismo.....6

Oficina 2 – Leitura e sororidade 10

Oficina 3 – Leitura e padrões de beleza.....13

Oficina 4 – Leitura e mulheres negras no mercado de trabalho.....17

Oficina 5 – Leitura, mulheres, raça e gênero 21

Oficina 6 – Leitura e o fim da violência contra as mulheres.....25

Oficina 7 – Leitura e feminismo visionário.....29

Considerações Finais.....32

Referências.....32

OFICINA 1 – LEITURA E FEMINISMO

PÚBLICO-ALVO:

- Estudantes de 8º ano.

CONTEÚDOS ABORDADOS:

- Oralidade.

OBJETIVOS:

- Viabilizar conhecimentos e discussões acerca do feminismo;
- Discutir, através da oficina, temáticas apresentadas no capítulo 1 do livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Duas aulas de 50 minutos.

RECURSOS UTILIZADOS:

- Notebook, datashow, caixa de som e internet.

METODOLOGIA:

1º momento:

A oficina ocorrerá em sala de aula e, no primeiro momento, o professor ou a professora deve escrever o nome "feminismo" no quadro e solicitar que os estudantes comentem sobre o que conhecem a respeito dessa temática. A exposição das ideias deve durar em torno de 15 minutos. Desse modo, o assunto será introduzido na turma.

2º momento:

Após as primeiras ideias, o professor ou a professora deverá exibir o vídeo *Movimento Feminista no Brasil*, disponível no link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=iA7QGtIvBWE

Duração: 2:51

3º momento:

Dada a apresentação da temática e o sucinto esclarecimento sobre a história do movimento feminista, o professor ou a professora deverá, então, apresentar a obra *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks, exibindo fotos da autora e descrevendo informações sobre sua produção artística.

Informações a serem repassadas, levando em conta que o professor ou professora poderá adequar ou acrescentar outros pontos relevantes:

- Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, escrito em minúsculas, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense.
- hooks publicou mais de trinta livros e numerosos artigos acadêmicos, apareceu em vários filmes e documentários e participou de várias palestras públicas. Sua obra incide principalmente sobre a interseccionalidade de raça, capitalismo e gênero.
- bell hooks nos apresenta, nesta acessível cartilha, a natureza do feminismo e seu compromisso contra sexismo, exploração sexista e qualquer forma de opressão.Com peculiar clareza e franqueza, hooks incentiva leitores a descobrir como o feminismo pode tocar e mudar, para melhor, a vida de todo mundo.

4º momento:

Após a apresentação das fotos e das informações básicas sobre bell hooks, deverá ser exibido um vídeo curto intitulado *Conheça o pensamento de bell hooks*, que relata alguns detalhes sobre a escritora, apresentados por Mariléa de Almeida com o intuito de aproximar os alunos da autora que será explorada nos próximos dias. O vídeo está disponível no link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=Kd-TvkHj_aA

Duração: 1:45

5º momento:

Neste momento, alguns trechos do capítulo 1. *Políticas feministas: em que ponto estamos* deverão ser expostos no datashow e lidos em conjunto com os alunos. Seguem os trechos abaixo:

Trecho 1

“Uma vez que nossa sociedade continua sendo primordialmente uma cultura “cristã”, multidões de pessoas continuam acreditando que Deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico. Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que várias mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da dominação masculina está intacta, seja o homem presente em casa ou não.”

Trecho 2

“Mesmo que mulheres negras individuais fossem ativas no movimento feminista contemporâneo desde seu início, elas não foram os indivíduos que se tornaram “estrelas” do movimento, que atraíam a atenção da mídia de massa.”

Trecho 3

“Podemos compartilhar a simples, porém poderosa, mensagem de que o feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista. Vamos começar por aí. Que o movimento comece novamente.”

6º momento:

Fazer os seguintes questionamentos aos estudantes:

- Qual a sua expectativa para a leitura?
- Você acredita que a temática é importante?

AVALIAÇÃO: Observar a participação e o entusiasmo dos estudantes, a partir da temática abordada.

OFICINA 2 – LEITURA E SORORIDADE

PÚBLICO-ALVO:

- Estudantes de 8º ano.

CONTEÚDOS ABORDADOS:

- Oralidade e escrita.

OBJETIVOS:

- Viabilizar conhecimentos e discussões acerca da sororidade;
- Discutir, através da oficina, temáticas apresentadas no capítulo 3 do livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Duas aulas de 50 minutos.

RECURSOS UTILIZADOS:

- Notebook, datashow, caixa de som e internet.

METODOLOGIA:

1º momento

Para apresentar a temática da sororidade, o professor ou professora deverá projetar a imagem anexada abaixo no Datashow e informar aos estudantes que tratará do terceiro capítulo da obra *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks, intitulado "A sororidade ainda é poderosa". Nesse início, as seguintes perguntas deverão ser feitas especificamente às meninas da sala:

- Você prefere ser amiga de meninas ou meninos? Por quê?
- Em algum momento você já se sentiu em situação de competição com alguma amiga?
- Você costuma ajudar as figuras femininas da sua vida a enfrentar dificuldades?
- Quem é a mulher mais importante da sua vida?

2º momento

Após as primeiras discussões, o professor ou professora deverá exibir o vídeo disponível no link abaixo, intitulado Sororidade.

https://www.youtube.com/watch?v=tmN8QHMfCSA

Duração: 2:45

Ao terminar o vídeo, o professor ou professora deverá questionar o que a turma sentiu após as perguntas e a exibição do vídeo.

3º momento

Neste momento, alguns trechos do capítulo 3. *A sororidade ainda é poderosa* deverão ser expostos no datashow e lidos em conjunto com os alunos. Seguem os trechos abaixo:

Trecho 1

"Quando frequentei por um ano uma faculdade só de mulheres antes de me transferir para a Stanford University, aprendi com minha própria experiência a diferença entre autoestima feminina e autoafirmação em salas de aula só de mulheres em oposição a salas onde homens estavam presentes. Na Stanford, os homens comandavam em qualquer sala de aula. Mulheres conversavam menos, tomavam menos iniciativas e, frequentemente, quando falavam, era difícil ouvir o que estavam dizendo. Faltavam força e confiança na voz delas. E para piorar as coisas,

professores homens nos diziam repetidas vezes que não éramos tão inteligentes quanto os homens, que não poderíamos ser “grandes” pensadoras, escritoras e por aí vai.”

Trecho 2

“A ligação entre homens era um aspecto aceito e afirmado na cultura patriarcal. Simplesmente pressupunha-se que homens em grupos ficariam unidos, dariam apoio uns aos outros, seriam um time e colocariam o bem do grupo acima de ganhos e reconhecimento individuais. A ligação entre mulheres não era possível dentro do patriarcado; era um ato de traição. Movimentos feministas criaram o contexto para mulheres se conectarem. Não nos juntamos para ficar contra os homens; juntamo-nos para proteger nossos interesses de mulher.”

Trecho 3

“De um modo geral, as mulheres em nossa sociedade estão esquecendo o valor e o poder da sororidade. Movimentos feministas renovados devem novamente levantar alto a bandeira e proclamar mais uma vez: “A sororidade é poderosa.”

4º momento

Nesse momento, o professor ou professora deverá exibir o trecho do seriado Grey’s Anatomy, que trata sobre a união entre as mulheres. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=zSKNlc_9BEs

Duração: 3:28

5º momento

É chegado o momento da ação. Nesse momento, o professor ou professora deve pedir que as alunas escrevam mensagens para suas colegas de classe, o mesmo pode ser direcionado a uma única colega ou a todas. Após o tempo estipulado para a escrita dos recados, deve-se pedir que quatro alunas se habilitem a ler suas mensagens para a turma. Se possível, junte as mensagens escritas e monte um mural para expor na turma, como forma de lembrança do trabalho com a temática. As alunas também devem ser incentivadas a escreverem mensagens às mulheres de suas famílias.

AVALIAÇÃO:

Observar a participação e o entusiasmo dos estudantes, a partir da temática abordada.

OFICINA 3 – LEITURA E PADRÕES DE BELEZA

PÚBLICO-ALVO:

- Estudantes de 8º ano.

CONTEÚDOS ABORDADOS:

- Oralidade.

OBJETIVOS:

- Levantar conhecimentos e discussões acerca dos padrões de beleza;
- Discutir, através da oficina, temáticas apresentadas no capítulo 6 do livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Duas aulas de 50 minutos.

RECURSOS UTILIZADOS:

- Notebook, datashow, caixa de som e internet.

METODOLOGIA:

1º momento:

Em um momento anterior ao dia da realização da oficina, o professor ou a professora deverá pedir que alunas e alunos citem nomes de mulheres que eles considerem bonitas. Os nomes devem ser anotados, para que o professor ou a professora pesquise e traga fotos das mulheres citadas. As fotos deverão ser expostas através do datashow.

2º momento:

As fotos abaixo deverão ser exibidas e os alunos deverão escolher a mulher mais bonita entre elas.

Foto 1

Foto 2

Foto 3

Caso as fotos das mulheres que os alunos sugeriram como bonitas sejam majoritariamente de mulheres brancas e magras e eles tenham elegido como mais bonita a foto 1, o professor deverá guiá-los para que eles percebam e associem as escolhas que fizeram, no sentido de dar ênfase aos padrões impostos pela sociedade.

3º momento:

Exibir o vídeo da entrevista feita por Lázaro Ramos à cantora Iza, na qual ela fala sobre padrões de beleza. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=mcm2TK6feGA

Duração: 3:59

4º momento:

Neste momento, alguns trechos do capítulo 6. *Bonita por dentro e por fora* deverão ser expostos no datashow e lidos em conjunto com os alunos. Seguem os trechos abaixo:

Trecho 1

"Ao olhar para trás, depois de anos me sentindo à vontade para escolher se usaria ou não sutiã, consigo me lembrar de como isso foi uma decisão importante há trinta anos. Mulheres se despindo de roupas desconfortáveis, limitativas e que não eram saudáveis – sutiãs, cintas, espartilho, cinta-liga etc. – foi um pedido ritualístico e radical por saúde e glória do corpo feminino. As mulheres de hoje que nunca conheceram tais restrições podem apenas confiar em nós quando falamos que essa luta foi importante."

Trecho 2

"A revolução do vestuário e do corpo criada pelas intervenções feministas fez com que mulheres aprendessem que nossa carne merecia amor e adoração em seu estado natural; nada precisava ser acrescentado, a não ser que uma mulher escolhesse se enfeitar. Inicialmente, investidores capitalistas da indústria de cosméticos e moda temiam que feministas fossem destruir seus negócios. Financiaram campanhas na mídia de massa que banalizava a libertação da mulher, criando imagens que sugeriam que feministas eram grandes, hipermasculinas, simples, velhas feias. Na realidade, mulheres envolvidas com o movimento feminista tinham todas as formas e tamanhos. Éramos totalmente diversas. E era sensacional ser livre para apreciar nossas diferenças sem julgamento ou competição."

5º momento

Nesse momento, o professor ou professora deverá exibir o vídeo da propaganda Escolha Bonita, da marca Dove. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=8pcdnqLBRmQ

Duração: 3:40

Após a exibição desse vídeo, o espaço deverá ficar aberto para a manifestação dos alunos acerca da temática trabalhada.

AVALIAÇÃO:

Observar a participação e o entusiasmo dos estudantes, a partir da temática abordada.

OFICINA 4 – LEITURA E MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO

PÚBLICO-ALVO:

- Estudantes de 8º ano.

CONTEÚDOS ABORDADOS:

- Oralidade.

OBJETIVOS:

- Viabilizar conhecimentos e discussões acerca das condições de trabalho das mulheres negras;
- Discutir, através da oficina, temáticas apresentadas no capítulo 9 do livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Duas aulas de 50 minutos.

RECURSOS UTILIZADOS:

- Notebook, datashow, caixa de som e internet.

METODOLOGIA:

1º momento

É o momento em que se deve preparar a turma para a inserção da pauta sobre as condições de trabalho das mulheres negras. Com esse intuito, a professora ou o professor deverá escrever algumas perguntas no quadro, quais sejam:

- Você costuma ver mulheres negras atuando em quais profissões?
- Que mulheres negras você admira? Qual a profissão delas?

É importante que os primeiros 10 a 15 minutos da aula sejam dedicados às discussões provocadas por essas perguntas.

2º momento

Agora, a professora ou o professor deverá exibir o vídeo da poetisa Mel Duarte declamando a poesia “Não desiste, negra, não desiste”. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=FfDvjbsCFmM

Duração: 5:16

Aqui, uma parte do poema pode ser copiada ou, preferencialmente, impressa e entregue aos estudantes, para ressaltar a temática da aula.

Eles precisam saber, que a mulher negra quer
Casa pra morar
Água pra beber,
Terra pra se alimentar.

Que a mulher negra é
Ancestralidade,
Djembês e atabaques
Que ressoam dos pés.

Que a mulher negra,
tem suas convicções,
Suas imperfeições
Como qualquer outra mulher.

Mel Duarte

É importante que a professora ou o professor relacione as respostas das perguntas que fez ao que está sendo dito no poema de Mel Duarte.

3º momento

Após as discussões iniciais, as imagens abaixo, de profissionais negras, deverão ser exibidas acompanhadas do questionamento sobre qual delas é mais comum ver e vivenciar.

Foto 1

Foto 2

Foto 3

4º momento

Neste momento, um trecho do capítulo 9. *Mulheres trabalhando* deverão ser expostos no datashow e lidos em conjunto com os alunos. Segue o trecho abaixo:

Trecho 1:

"Hoje, em várias salas de aula de faculdades, estudantes, tanto mulheres quanto homens, argumentam que o movimento feminista já não é relevante, uma vez que as mulheres agora têm igualdade. Eles e elas nem sabem que, em média, a maioria das mulheres ainda não recebe salário igual para função igual, que para nós ainda é provável receber US$ 0,73 para cada US$ 1 que um homem recebe. Hoje, em várias salas de aula de faculdades, estudantes, tanto mulheres quanto homens, argumentam que o movimento feminista já não é relevante, uma vez

que as mulheres agora têm igualdade. Eles e elas nem sabem que, em média, a maioria das mulheres ainda não recebe salário igual para função igual, que para nós ainda é provável receber US$ 0,73 para cada US$ 1 que um homem recebe.”

5º momento

Com o intuito de associar o trecho do livro com a temática que já está sendo discutida, a professora ou o professor deverá exibir o vídeo da reportagem veiculada na Tv Cultura, acerca da discriminação do mercado de trabalho contra mulheres negras. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=J_rf1VT1Nsc

Duração: 2:38

Após a exibição da reportagem, a professora ou o professor deverá questionar se há semelhanças entre o cotidiano retratado na reportagem e o dos estudantes. O espaço deverá ficar aberto para conclusões e manifestações.

AVALIAÇÃO:

Observar a participação e o entusiasmo dos estudantes, a partir da temática abordada.

OFICINA 5- LEITURA, MULHERES, RAÇA E GÊNERO

PÚBLICO-ALVO:

- Estudantes de 8º ano.

CONTEÚDOS ABORDADOS:

- Oralidade.

OBJETIVOS:

- Viabilizar conhecimentos e discussões acerca das relações de raça e gênero;
- Discutir, através da oficina, temáticas apresentadas no capítulo 10 do livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Duas aulas de 50 minutos.

RECURSOS UTILIZADOS:

- Notebook, datashow, caixa de som e internet.

METODOLOGIA:

1º momento

Em primeiro momento, um trecho do cordel *Um canto à equidade de gênero*, de Valdir Soares, deverá ser lido em conjunto com os alunos. Fica a critério da professora ou do professor imprimir o texto ou lê-lo somente no datashow.

É só discriminatório
O social brasileiro;
É raça, é gênero, é classe,
Tudo é cruel por inteiro;
Vitimiza a mulher negra
Que caminha em formigueiro...
Estruturas as mais diversas
Vem em complementação;

Só por ser da raça negra
Perde a sua opinião;
Nasce o sol e vem a lua
Em completa opressão!...
Por seu turno, a mulher branca:
Ser humano universal,
Sem preocupação com a cor
Nem com questão racial,
Tais fatos não lhe atravessam;
Não vê chicote nem o sal...

Cordel completo disponível em: https://sintrajufpe.org.br/media/static/Cordel__Equidade.pdf

2º momento

Após a leitura do cordel, apresentar as seguintes imagens, com os respectivos questionamentos:

1. Qual dessas mulheres você acredita que seria mais facilmente seguida pelos seguranças de um supermercado?

2. Qual dessas duas mulheres será interpretada como bonita com mais frequência na sociedade?

3. Qual dessas mulheres conseguirá mais facilmente um emprego? Considerando que ambas têm as mesmas qualificações?

Após os questionamentos, a professora ou o professor deverá deixar o espaço aberto para discussões e conclusões, colocando em pauta a discriminação contra as mulheres negras.

3º momento

Neste momento, trechos do capítulo *10. Raça e gênero* deverão ser expostos no datashow e lidos em conjunto com os alunos. Seguem os trechos abaixo:

Trecho 1

“Todas as mulheres desta nação sabem que seu status é diferente do de mulheres negras/não brancas. Elas sabem isso desde o tempo em que eram garotas assistindo à televisão e vendo somente imagens delas, e folheando revistas e vendo somente imagens delas. Elas sabem que a única razão para mulheres não brancas estarem ausentes/invisíveis é o fato de não serem brancas.”

Trecho 2

“O movimento feminista, principalmente o trabalho de ativistas negras visionárias, preparou o caminho para reconsiderarmos raça e racismo, o que teve impacto positivo em nossa sociedade como um todo. Raramente, críticas sociais convencionais reconhecem esse fato. Como uma teórica do feminismo que escreveu extensivamente sobre a questão de raça e racismo dentro do movimento feminista, sei que ainda há muito o que desafiar e mudar, mas é também importante comemorar as grandes mudanças que já ocorreram.”

4º momento

A intenção neste momento é promover discussões acerca das questões raciais, através da exposição do vídeo no qual Glória Maria, mesmo sendo uma jornalista conhecida mundialmente, afirma seguir sofrendo racismo. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=rY2iKMAW8b4

Duração: 2:25

5º momento

Após as discussões, propõe-se que a professora ou professor escreva no quadro a frase “Uma mulher negra pode...” com o intuito de que os estudantes completem a frase, de acordo com as discussões que foram levantadas nessa oficina.

AVALIAÇÃO:

Observar a participação e o entusiasmo dos estudantes, a partir da temática abordada.

OFICINA 6 – LEITURA E O FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

PÚBLICO-ALVO:

- Estudantes de 8º ano.

CONTEÚDOS ABORDADOS:

- Oralidade.

OBJETIVOS:

- Viabilizar conhecimentos e discussões acerca da violência contra as mulheres;
- Discutir, através da oficina, temáticas apresentadas no capítulo 11 do livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Duas aulas de 50 minutos.

RECURSOS UTILIZADOS:

- Notebook, datashow, caixa de som e internet.

METODOLOGIA:

1º momento

Para início de conversa, a professora ou o professor deverá escrever no quadro as palavras VIOLÊNCIA e MULHERES e questionar aos estudantes qual a relação entre essas duas palavras. Em seguida, a imagem abaixo deverá ser projetada no datashow.

Com a imagem projetada, a professora deve questionar aos alunos quais sentimentos essa imagem desperta e o que ela representa. Os primeiros 10 a 15 minutos devem ser reservados para essas discussões iniciais.

2º momento

Após as discussões iniciais, o vídeo “Hoje eu recebi flores” deverá ser exibido. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=mg92G5wBWus

Duração: 1:28

Dada a exibição do vídeo, algumas perguntas devem ser feitas aos estudantes. Quais sejam:

- Por que a mulher do vídeo sempre recebia flores do marido, um dia após ser agredida?
- Você acredita que a mulher deve perdoar alguém que a agride?
- Você acredita que família e amigos devem interferir em casos de agressão contra suas entes e amigas?

O intuito desses questionamentos é chegar à conclusão de que a violência contra a mulher não deve ser perdoada ou normalizada em nenhuma situação, mesmo que o agressor se mostre arrependido pelo que fez visto que a tendência é que com o perdão, as agressões só aumentem e se repitam cotidianamente.

Quanto ao questionamento sobre a interferência de família e amigos nessas situações, é muito importante ressaltar o quanto as vítimas têm dificuldades em denunciar seus agressores, diante de todo o sentimento de nutrem por eles. Nesse sentido, as denúncias avindas da família, amigos ou conhecidos são extremamente importantes para que as situações de violência não se transformem em mais números de casos de feminicídio.

3º momento

Neste momento, trechos do capítulo *11. Pelo fim da violência* deverão ser expostos no datashow e lidos em conjunto com os alunos. Seguem os trechos abaixo:

Trecho 1

"Uma das mais divulgadas intervenções positivas do movimento feminista contemporâneo é, de longe, até hoje, o esforço para criar e sustentar uma maior conscientização cultural sobre violência doméstica, assim como as mudanças que devem acontecer em pensamento e ação, se quisermos ver o fim disso."

Trecho 2

"E é particularmente vital que pais e mães aprendam a maternagem e a paternagem não violentas. Porque nossas crianças não se posicionarão contra a violência, se esta for a única maneira que conhecerem para lidar com situações difíceis."

A respeito do trecho 2, é importante que a professora ou o professor ressalte a importância de desnaturalizar a violência entre todos os membros da família, não só entre o casal, mas também de mãe e pai para filhos.

4º momento

Após a leitura dos trechos do livro, a professora ou o professor deverá exbir o vídeo da música *Mulheres não têm que chorar*, de Ivete Sangalo e Emicida. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=t5-BPeY8qqc
Duração: 4:27

O título da música sugere o fato de que mulheres não devem estar sujeitas ao sofrimento. Com as imagens do clipe e a letra da música, os estudantes poderão pensar sobre como a violência afeta a vida da mulheres no Brasil e no mundo.

5º momento

Chegou o momento da ação! Agora, a professora ou o professor deverá dividir a turma em grupos propor que os estudantes produzam vídeos curtos falando sobre o fim da violência contra as mulheres. Fica a critério da professora ou do professor definir onde os vídeos serão exibidos. Sugestões: exibição no auditório da escola com outras turmas, exibição na própria turma ou pedir um espaço para exibição no *instagram* da escola, caso possua.

AVALIAÇÃO:

Observar a participação e o entusiasmo dos estudantes, a partir da temática abordada.

OFICINA 7 - LEITURA E FEMINISMO VISIONÁRIO

PÚBLICO-ALVO:

- Estudantes de 8º ano.

CONTEÚDOS ABORDADOS:

- Oralidade.

OBJETIVOS:

- Viabilizar conhecimentos e discussões acerca da importância do feminismo;
- Discutir, através da oficina, temáticas apresentadas no capítulo 19 do livro *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Duas aulas de 50 minutos.

RECURSOS UTILIZADOS:

- Notebook, datashow, dicionário, caixa de som e internet.

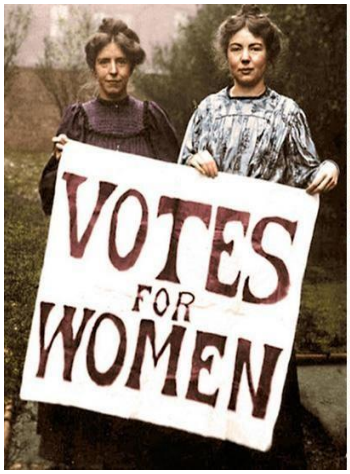
METODOLOGIA:

1º momento

Para início de conversa, a professora ou professor deverá pedir que os estudantes pesquisem em dicionários o significado da palavra visionário. Assim que os alunos encontrarem os significados, a professora ou o professor deverá escrever a expressão "Feminismo visionário" no quadro, e aguardar que os estudantes concluam sobre o que a oficina irá tratar. Os primeiros 10 a 15 minutos devem ser reservados para essas inferências.

2º momento

As imagens abaixo deverão ser projetadas no datashow, para que sejam discutidas as evoluções e resultados do Movimento Feminista com o passar dos anos.



A discussão deverá ser encaminhada para o sentido de que todas as fases do feminismo foram importantes para que conseguíssemos os direitos que temos atualmente e que ainda há muito o que se conquistar pela frente.

3º momento

Neste momento, trechos do capítulo *19. Feminismo visionário* deverão ser expostos no datashow e lidos em conjunto com os alunos. Seguem os trechos abaixo:

Trecho 1

“O ponto de vista feminista radical/revolucionário ficava mais claro e mais complexo à medida que o movimento progredia.”

Trecho 2

“Um esforço coletivo de porta em porta para espalhar a mensagem do feminismo é necessário para que o movimento se renove, para recomeçar com a premissa básica de que as políticas feministas são necessariamente radicais.”

4º momento

Após as leituras do texto, a professora ou o professor deverá exibir o vídeo da música *Triste, Louca ou Má*, da banda Francisco El Ombre. Segue o link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE

Duração: 4:29

Depois da exibição do vídeo, a professora ou o professor deverá projetar alguns fragmentos da música no data show, quais sejam:

- Um homem não me define.
- Eu não me vejo na palavra fêmea: alvo de caça.
- Eu sou o meu próprio lar.

Espera-se que os estudantes consigam associar os trechos das músicas às temáticas que vêm sendo discutidas ao longo deste caderno de oficinas.

5º momento

É hora da ação! Nesse momento, a professora ou professor deverá pedir que os alunos produzam uma peça teatral intitulada “Eu sou o meu próprio lar.”. O professor e os alunos escreverão juntos o enredo e definirão os personagens, bem como a organização do espaço e recursos. Sugere-se que o professor busque apoio junto ao professor de Arte dos alunos, para um maior suporte. A peça deverá exibida para outros alunos dos mesmos anos ou alunos em geral, de acordo com a decisão dos professores e da escola.

AVALIAÇÃO:

Observar a participação e o entusiasmo dos estudantes, a partir da temática abordada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já diria o velho ditado: uma andorinha só não faz verão. Este material é baseado nas ideias de bell hooks e de muitas mulheres que a inspiraram dentro do Movimento Feminista. Bem como as oficinas aqui presentes foram elaboradas utilizando-se das minhas ideias, aliadas a um importante material produzido acerca dos preceitos da igualdade de gênero, e é a partir deste caderno que professoras e professores podem iniciar ou complementar o seu arsenal de métodos para a construção de uma sociedade mais justa e menos opressora.

Como professora e mulher negra, orientada no Mestrado por uma outra professora e mulher negra, enxergo-me como parte importante na ação de levar a meninas e meninos discussões sobre o empoderamento feminino e as condições sociais. Muitos de nossos estudantes não têm acesso a essas informações em outros meios, senão na escola, e não se pode negar a responsabilidade escolar de levantar tais questionamentos e reflexões.

As aulas de língua portuguesa são um espaço para o trabalho com inúmeros gêneros e as mais diversificadas temáticas. É o momento de "abrir a caixola" e deixar que nossos estudantes trabalhem as suas habilidades de interpretação e criação. Aliar essas habilidades ao feminismo, sobretudo ao feminismo negro, dentro de um contexto social majoritariamente negro é fazer com que o caminho para a formação de cidadãos conscientes seja ainda mais exitoso.

Cara professora e caro professor, desejo que este material consiga ajudá-lo nesta missão árdua, porém fascinante, que é o trabalho de educar. Missão esta que consiste, também, em influenciar toda a comunidade escolar e objetivar o combate às práticas discriminatórias, dentre elas o machismo, a misoginia e o racismo. Sigamos!

REFERÊNCIAS

DUARTE, Mel. **Negra nua crua**. 2 ed. São Paulo: Ijumaa, 2016.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

SOARES FERNANDO, Valdir. **Um canto à equidade de gênero**. Recife: Edição do autor, 2019.